

PRODUTOS CULTURAIS PREMIADOS - LAB/MS 1ª FASE
EDITAL EMERGENCIAL DE SELEÇÃO PÚBLICA N.º 08/2020 “PRÊMIO CAPIVARA DE CRIAÇÃO E
DIFUSÃO LITERÁRIA – LEI ALDIR BLANC”

APRESENTAÇÃO

A Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) tem, dentre as atribuições de suas funções as finalidades de planejar, promover, orientar, coordenar, incentivar, apoiar e executar as atividades direta ou indiretamente ligadas aos assuntos de cultura, voltados para a difusão artística e preservação do patrimônio artístico e cultural do Estado conforme em seu Estatuto. Deste modo, o estímulo à pesquisa sobre a cultura sul-mato-grossense tem grande relevância nas ações da Gerência de Patrimônio Histórico e Cultural.

Em meio ao período de crise pandêmica que assolou o Brasil e o Mundo entre os anos de 2020 a 2022 provocadas pelo COVID-19¹, foi discutida e decretada pelo Congresso Nacional a Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020, mais conhecida como Lei Aldir Blanc.

Após amplo debate com a sociedade e observando as dificuldades que o setor cultural brasileiro enfrentava durante o ápice da pandemia, foram então propostas ações emergenciais e efetivas para apoiar o setor. As medidas propostas no artigo 2º da referida Lei previam de repasses financeiros diretos aos trabalhadores e trabalhadoras da cultura, subsídios governamentais para manutenção de espaços artísticos e culturais e editais, chamadas públicas e prêmios para o setor, entre outras medidas.

As verbas foram então repassadas aos estados e municípios para destinação de tais recursos. É com recursos da Lei Aldir Blanc que a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, por meio de sua Gerência de Patrimônio Histórico e Cultural, promove o **EDITAL EMERGENCIAL DE SELEÇÃO PÚBLICA N.º 08 “PRÊMIO CAPIVARA DE CRIAÇÃO E DIFUSÃO LITERÁRIA – LEI ALDIR BLANC** o qual premiou textos literários nas categorias contos, crônicas, Histórias em Quadrinhos e Poesias.

Esta obra é composta pelos textos premiados nesses gêneros como resultado do edital e também como resultado de uma política pública que em um momento foi emergencial para o

¹ COVID-19 (CO – corona, VI – vírus; D – Doença, 19 – 2019, ano de surgimento) é o nome dado pela Organização Mundial da Saúde para a doença causada pela Sars-Cov-2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 - Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2), também chamada de Novo Coronavírus ou apenas Coronavírus. Este vírus tem seus primeiros registros em 2019, chegando em 2020 a uma escala pandêmica que afligiu grandemente o mundo, com quedas de contágio e mortes verificadas após a ampliação da vacinação, vitimando fatalmente mais de 600 mil vidas até o momento (Informações obtidas no site da OMS - <https://www.who.int/>, acesso em 10/06/2022).

setor,mas também pode proporcionar o florescimento artístico no campo literário. Parafrazeamos o crítico literário Tzetan Todorovo traçando paralelo entre o ato de narrar e o silêncio, em que narrar significa a vida e o silêncio a morte. Deste modo, os textos a seguir apresentados trazem a memória de um momento histórico, constituindo a vida em seu ato de narrar.

Desejamos uma boa leitura a todos, que saboreiem cad texto literário apresentado.

Prof. Me. Caciano Silva Lima

Prof. Me. Douglas Alves da Silva

Prof.^a Ma. Melly Fátima Góes Sena

Campo Grande/MS, outubro de 2022

Os textos desse livro são o resultado do Prêmio Capivara de Criação e Difusão Literária, realizados pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através da sua Fundação de Cultura, no ano de 2020, durante o auge da covid-19.

O que encontramos aqui é uma reunião gêneros literários que passeiam entre o conto, a crônica, a literatura infanto-juvenil e o poema.

Dentro dessas generificações, nos deparamos com uma deliciosa sorte de estilos literários como a prosa poética com toques de sensualidade de Mariana Barbosa Guirardo, a metalinguagem sinstésica de Stelamaris Ferreira, os toques e filosofia política de Douglas Calvis Crelis, a distopia de Lucas Menezes de Moraes, a narrativa de mistério com salpicos de terror gótico de Eduardo da Costa Mendes, a insolitude cotidiana de Vanderlei José dos Santos, o diálogo com o nonsense de Simone Batista Mamede, a ternura de Douglas de Moraes Lara, o duelo em desabafado da violência doméstica vivida na adolescência de Glauber da Rocha Silva, a irreverência de uma realidade alienígena – única capaz de nos fazer entender as irrealidades cotidianas de Fabio Dobaslei Furuzado, a exaltação aos povos originários deste estado de Sylvia Cesco, o encontro com o flâneur que passeia pela rotina do preconceito de Vini Wylliam dos Santos Arruda, os tons de solidão e solitude que se interpolam de Raphael Vital e Claudina Oliveira Tomas da Silva, a ode regionalista de Maycon Jhon Wutzke, o desassossego pandêmico de Edson Francisco Arakaki Gazola, o flerte com referências clássicas do terror de Ravel Giordano de Lima Faria Paz, a fantasia oralizante de Augusto Figliaggi, o forte apelo ambiental de Maristela Benites e a narrativa cheia de ancestralidades de Elis Regina da Silva Gonçalves.

Toda essa profusão de temáticas, gêneros, estilos, prerrogativas, sonoridades, impactos e tantas outras muitas camadas de interpretações possíveis das histórias aqui presentes só confirmam o lugar da literatura sul-mato-grossense como o da pluralidade, e essa polifonia recheada de abrangências que encontramos nessa coletânea nos coloca em um local de privilégio enquanto leitores e leitoras.

Vale ressaltar a importância pragmática de ações de fomento dessa natureza enquanto propulsoras da difusão da literatura do nosso estado, da visibilidade dos nossos autores e autoras e do fomento ao mercado do livro e da circulação literária, todos esses fatores juntos, responsáveis pela formação de um público leitor amplo e diverso.

Essa coletânea de textos do Prêmio Capirava, há muito esperada, ansiada, (re)clamada, comprova todas as urgências de publicação por ser tão múltiplo, com suas narrativas que se conversam, se divergem, se contestam, se associam e distanciam, mas mantém em si a necessidade de serem lidas, sob todas os horizontes (in)imagináveis.

Marcelle Saboya Ravanelli

Mediadora do Clube de Leitura “Leituras Di Macondo” e Produtora Cultural

SUMARIO

1. COMBUSTÃO – Mariana de Fátima Barbosa Guirado	4
2. A LINGUAGEM INDIVISÍVEL – Stelamaris da Silva Ferreira	5
3. O MUNDO EM SUAS MÃOS – Douglas Calvis Crellis	7
4. ...VOCÊ É UM HOMEM BOM – Lucas Menezes de Moraes	9
5. A VELA SOBRE O PROMONTÓRIO – Eduardo da Costa Mendes	12
6. OS DOIS CAVALHEIROS E A DAMA – Vanderlei José dos Santos.....	16
7. ALICE NO PAÍS DO FIM DO MUNDO – Simone Batista mamede.....	18
8. O BAÚ DE MEMORABILIA – Doulgas de Moraes Lara.....	29
9. PADRASTOS MALVADOS – Glauber da Rocha Silva	31
10. A INVASÃO DAS BACTTRKIAS FENUZIANAS - Fabio Dobashi Furuzato...35	
11. AMANAJÉ – Sylvia Cesco	40
12. POR ESSAS RUAS – Vini Willyan dos Santos arruda	42
13. POENTE – Raphael Vital	45
14. PANTANAL EM CHAMAS – Maycon Jhon Wutzke	46
15. IMPACIÊNCIA DO NÃO-LUGAR – Claudinei Oliveira Tomas da Silva	48
16. POESIA NA PANDEMIA - Edson Francisco Arakaki Gazola	49
17. O POODLE PRETO - Ravel Giordano de Lima Faria Paz	50
18. CLODOVELDO NOVELHO	65
19. QUIRA, A CORUJINHA DA SORTE	69
20. O ESPELHO	74

COMBUSTÃO

Mariana de Fátima Barbosa Guirado

Quando meu corpo água tocou teu universo fogo, nosso horizonte estremeceu em tsunami luz os ombros de Atlas. Tocaram as sete trombetas que anunciavam, por meio de cada pelo arrepiado do meu pescoço, o início do apocalipse antropofágico causado pelo toque suave dos dedos teus.

A tensão do meu pescoço enquanto dançávamos leves entre os corpos poesia espalhados pelo salão seria capaz de erigir sete vezes setenta o peso antigo das nossas solidões. A primeira vez que meu corpo foi engolido pelo teu abraço, eu tive certeza de que existia vida na escuridão das profundezas do oceano. Quando, *a posteriori*, teu gosto fluido me encontrou no deserto, passei a acreditar em oásis e esperança. E era como se água desejasse.

Em tom acusatório, você me condenava pela perspicácia e rapidez com que meu desejo latente fluía em sua direção, pela força correnteza com que era arrastado sem se saber pela inesperada força motriz de movimentos vagos de ressaca oceânica. Em nota de rodapé, tentei explicar que rapidez não era atributo que me tocava. Afinal, melhor me definiam aqueles versos de Barros; tenho em mim um atraso de nascença, fui aparelhada a gostar de passarinhos. “Deve ser por isso, então... que tu se encantô por esse sabiá cantadô”.

Diante da tua resposta poesia, me fiz água, água que corre entre as pedras. Transbordei, me espalhei como mercúrio, me expandi feito luz pelos quatro cantos do mundo e só parei diante da cratera rasgo que se abria no músculo átrio numa fenda de profundidade mais distante que o amor.

Era difícil suportar a dor de uma cicatrização perene possante enquanto continuava a bombar o sangue vicejante que me enrubescia as maçãs toda vez que meu olhar de onça-menina chocava-se com o teu. Enquanto soavam os acordes da canção agreste de Alceu, o tempo-espaço pairava em suspensão e nossos corpos flanavam amalgamados em ferro-carbono.

Combustão. O silêncio aço que se seguia ao desejo-gozo operava num campo gravitacional cuja força reativa dor pesava horizontes de carvalhos mortos cujos troncos vazios enraizavam-se ao meu dorso sísifo. À cutelaria de cada nota tua, Orfeu, sangravam-me agudas agonias.

A LINGUAGEM INDIVISÍVEL

Stelamaris da Silva Ferreira

Passei um dia desses em frente a um muro perto de casa e entre varias pichações, uma deixou-me comovido: “A língua não diz tudo”, era o que dizia. Estava escrito de tinta vermelha, um vermelho rubro, amargo, sofrido. Ao lado, algum engraçadinho ainda complementou: “Vocênão deve conhecer a língua da minha sogra”. E assim começara um diálogo entre aqueles pichadores. O intrigante fora a ambiguidade da palavra “língua” naquela frase. A língua, qualquer que seja, pode dizer tudo o que desejamos dizer?

Isso me fez lembrar uma criança que conheci. Certo dia, perguntou-me se havia algo, que mesmo existindo não tivesse nome, algo que não soubéssemos explicar através de palavras, algo que ultrapassasse os limites da comunicação verbal. Como a articuladora da pergunta era ingênua, julguei também ser a pergunta. Franzi a testa e como se a dúvida fosse tão tola que nem palavras ao vento merecia, apenas acenei-lhe com a cabeça, num gesto negativo.

Pensando agora, percebo o quão misteriosa e metafísica é essa questão. Pois aquele miúdo indivíduo, aquele ser tão ingênuo interrogava-me sobre aquilo que não pode ser escrito, aquilo que não pode ser dito e está para além das palavras. Aquele terreno, meu amigo, no qual a língua vira um nó cego e as palavras fracassam ao tentar adentrá-lo: o terreno do indizível.

Pois hoje, recordando de tal criança, recordo-me de outra. Esta outra eu não pude conhecê-la. Era um menino, nem sei se realmente existiu, se não, pelo menos existiu na imaginação do rapaz que me falou sobre ele.

Esse rapaz era um vendedor ambulante de rosas. Num dia de intenso calor, quando eu andava na rua à toa, sem rumo como andarilho, o tal moço me parou. Perguntou-me se eu teria tempo para ouvi-lo. E, por incrível que pareça não me vendeu rosas, vendeu-me uma história. Falou-me sobre um menino. Não qualquer menino. Sobre um menino diferente, que vivia de modo diferente, há milhares de anos, no início, mas bem no início da civilização humana, quando a língua via seus primeiros raios de sol e ecoava das primeiras bocas que habitavam o mundo.

Esse menino fazia parte de uma tribo muito unida. Sobreviviam da caça e, primordialmente, daquela língua primária que demarcava quem eram, diferenciava-os de outros povos, unia-os e os tornava parte de um todo. Portanto, essa língua era a liga que

envolvia e saciava aquela civilização. Em suas raízes etimológicas, em suas matrizes linguísticas, reinavam todas as convenções culturais e funcionais daquela tribo. Entretanto, essa língua era precária, proporcionava-lhes somente a comunicação necessária para as necessidades, os rituais e as situações básicas.

Até que num inverno rigoroso, uma doença aniquilou mais da metade daquele povo, tornando-os passivamente melancólicos, deprimidos e débeis. Eles não sabiam como expressar aquela imensa tristeza se não através de infinitas lágrimas que, quando cessaram, estagnou-os no tempo por longos anos. Sua língua também parou de se desenvolver, pois somente era dito o que seria útil à sobrevivência do coletivo. Tudo o que era individual ou sentimental não podia ser dito já que não haviam criado palavras para expressar, apenas gestos.

A prioridade da tribo era a sobrevivência. Se algo estava relacionado a isso, era dizível, do contrário, não havia palavras para representá-lo. A língua daquele povo era tão restringida quanto eles.

Essa escassez de palavras tornou-se calamitosa quando novos meios de sobrevivência foram incorporados aos indivíduos. Então, mudanças violentas tiveram que ocorrer, pois já não conseguiam comunicar-se somente com as poucas expressões que sabiam. Novos vocábulos passaram a existir conforme novos costumes e rituais foram sendo utilizados. E novamente todos passaram a se entender. Porém, no âmbito da emoção e da dor, somente os gestos existiam. Até que um menino, por meio de uma coisa estranha, um sentimento diferente que ele não sabia o que era, inventou uma palavra...

Tão atordoado e ainda sob efeito da dramaticidade da história, de uma espécie de catarse, fiquei a olhá-lo como se estivesse entorpecido. O rapaz fez um estalo com os dedos e eu voltei à realidade.

_Nessa ausência de palavras, _disse-me_ é melhor mesmo permanecer calado...

O MUNDO EM SUAS MÃOS

Douglas Calvis Crelis

Hoje, esmolas são dadas em formas de sentimentos. Peditórios são fachadas. Veja aquele transeunte no sinal, obra do mundo, da sociedade em que o rodeia. Uma piscadela, uma faca em seu pescoço.

Quando dei por mim, estava com pensamento alto, meu pensamento saiu como um sopro de voz.

Minha filha ao perceber o meu devaneio, pergunta:

— De quem é a culpa, papai? – Disse Morgana

Explicar os princípios e a função deles é bem difícil e como eles norteiam a sociedade é uma tarefa complicada, principalmente para uma criança, preciso de exemplos. Mas tentei:

— Nossa vida é de elevada importância, e tudo imanente ligado a ela. A dignidade da pessoa humana defende em seus diversos aspectos como: liberdade, segurança, bem-estar físico, meio ambiente, e dentre outros. — Sabendo que não seria entendido no primeiro momento, continuei — a prevenção e a retribuição são finalidades do nosso Estado, o Brasil, e deve ser protegido pelo Direito.

Percebo que é uma conversa difícil, contudo, necessária. Falar sobre as ciências criminais, e intimamente abordar o papel da criminologia e das políticas criminais, assunto poucos abordados em nosso cotidiano.

Nós somos a minoria neste vasto universo, pequeno Planeta Terra, cheios de orgulhos e falsas esperanças. Devemos dar voz para a minoria dentro da nossa sociedade! As reivindicações atendidas! Independente do gênero, orientação sexual, classe social, raça, religião ou etnia.

SOMOS SERES HUMANOS!

Cada um de nós temos uma essência, um valor, para o mundo e para pessoas que nos rodeiam. Essa essência não é maior para um nem menor para o outro. A diferença está nas possibilidades e oportunidades. E sim! Essa distribuição não é justa, é um problema estrutural em nossa sociedade.

Aprendamos a ser resilientes, na iminência de seguir em frente, podemos colocar esta engrenagem para mover novamente? A esperança de chegar em um mundo perfeito, uma utopia! Entendemos a dificuldade, há anos, décadas, quiçá milênios! Não acredito que não encontraremos os caminhos das pedras. Ele está dentro nós, busquemos...

Prevejo dias difíceis em seu crescimento minha querida, respeite o próximo e exija respeito, trate os desiguais na medida de suas desigualdades. E seja forte em dias de chuva.

Ame e queira ser amada, aposte no amor e não conte com a sorte. Saiba que não estarei aqui para sempre, serei seu guia até sua felicidade.

Dói em imaginar como existem pessoas sofrendo com suas convicções e seus motivos. Que possamos encorajá-las minha filha! Façamos votos que tenha sentido toda esta luta e que no fim, o bem, que é silencioso, prevalecerá.

Até lá, minha querida, este mundo não passará apenas de uma esferoide.

Crônica premiada, **“Prêmio Capivara de Difusão Literária”**, lei Aldir Blanc.

Douglas Calvis Crellis, acadêmico de Direito e Ciências Econômicas. Pesquisador do primeiro Laboratório de Ciências Criminais de Campo Grande/MS do IBCCRIM. Crônica premiada no “Prêmio Capivara e Difusão Literária”. Associado da União Brasileira de Escritores/MS, e membro da Associação Internacional dos Poetas. Artigos publicados no "International Center for Criminal Studies" ICCS. Co-autor do livro, "Alfabeto Ecológico do Pantanal". Celular/whats: 067 99124-4794.

...VOCÊ É UM HOMEM BOM

Lucas Menezes de Moraes

Você finalmente caiu. Um silvo veio através do céu e sua queda foi intempestiva. Apagaram-se luzes de postes e casas da cidade. A multidão, levada pela sorte de uma vida fria e cinzenta, observou a pequena cratera deixada na terra, com uma forma negra e nodosa ao centro. Deu-se início a uma aglomeração em torno do buraco cardioide, enquanto uma sonolenta névoa de terra esfumava o mundo. Pessoas de todos os tipos juntaram-se: carteiros, mendigos, justos e canalhas. Juntos para ver o grande meteoro.

Então a massa se moveu.

O ar dos curiosos se tornou cético, sobrancelhas levantadas e olhos espremidos. Enquanto a poeira se assentava, o objeto estranho no centro da cratera começou a tomar forma. Ninguém ousou se aproximar do buraco, que tinha o diâmetro da quadra de areia atingida, profunda o suficiente para afogar um homem adulto. Enfim, a massa definiu seu molde: um corpo humano, totalmente negro, reluzente; uma não-face sem sexo. As sobras do que se tornou aquele ser em posição fetal formaram uma poça escura e viscosa a sua volta. Aos poucos os cochichos passaram a exclamações. As mulheres de saião e cabelos de corte virgem começaram a gritar *É o demônio* e bradar com veemência. Os homens mais velhos saíam com o passo apertado. Muitos se permitiram acreditar que o anticristo havia nascido. Que seria o próprio mal encarnado num boneco do Mar do Inferno. Que a gente deveria aproveitar que ele não cresceu ainda e matar logo, senão ele que mata a gente. E que absurdo só deixar esse bicho aí jogado sem fazer nada, ou mata ou ajuda, né? Eis que, por entre os habitantes de olhar incrédulo, um pedregulho voa implacável em direção ao buraco. Ao fundo, o atirador esperava aprovação, pois o homem é sempre ameaçado pela natureza de um erro, mas confiante na vulgaridade do mal. Então sorriu e encarou a multidão. Eles não retribuíram o olhar do homem, embora sentissem o rosto arder em mútua satisfação. A pedra arremessada foi certa: atingiu o corpo escuro, mergulhando nele como em um pântano de águas turvas, e foi expelida qual tiro para cima. O pavor, antes comedido, estendeu-se até ao menor grão de pó.

Então apareceu Ganante, o estrangeiro. Pequeno, a pele morena ferida pelo sol, bermuda e camisa brunadas pela terra como o chão lamacento depois da chuva. Acendeu um palito de fósforo e atirou-o em direção ao buraco. Como uma erupção de ódio, cinco grandes caldas de fogo arremeteram sobre os habitantes em torno da depressão do solo, maculado pela pedra e pelas chamas. A labareda giratória foi incansável e insaciável, e, ao redor do grandioso espécime, a poça negra se alimentou do fogo enlouquecido. Cresceu, enchendo

daquela gosma escura com cheiro forte o buraco, que agora transbordava afora, enquanto o ser estranho se mantinha submerso naquilo.

A forma que era massa e agora é um grande corpo negro de pontas redondas com cascos luminosos subiu à superfície e também planou no ar com parcimônia enquanto seu não-rostro passou a gerar expressão escura como as nuvens são espessas. Então ele ergue os braços numa vibração uma, derruba e obriga todos a correrem gritando aos puxões de cabelo e pisoteio nos fracos, e ele é atingido por uma fresta de luz que rasga o céu aos solavancos e finalmente explode num brilho ímpar sobre sua pele de majestade reluzente tão negra quanto a visão do malvado no poder e finalmente o ser abre olhos de um azul abissal e cegante, arregaçando bocas e abrindo as mentes dos miseráveis que se ajoelham e intercalam os dedos nas mãos em forma de nós, pedindo perdão ao olhar imperdoável do homem em sua perfeição, com corpo, olho e mente, unidos para seu inevitável regresso às recrudescências do que um dia já foi chamado virtude. Os prédios caem, ardendo no desfecho do mal, alimentado pela gana da própria destruição. Os corpos caem do céu, flamejantes. As flores da vida se vão pelos limites da cidade. Ele anda, vê, respira e agora também fala: sua voz implacável, sagaz e imponente responde à súplica dos porquês de um homem na multidão:

"Eu sou a história. Eu sou o espírito dessa terra. Aos falsos Timóteos, polidores de rochas, comedores de pétalas e amantes da Riviera, nenhum castigo será dado que não o mortuário sua própria estirpe. Todas as oportunidades já foram dadas, e o que me resta em vida é semear o fim de seus dias bons." Sua massa evapora e uma névoa densa e escura domina o centro da cidade, sendo inalada por todos que ali estão. A cidade dos sofredores imortais, portadores de uma dor negra que cobre e engole qualquer sopro de felicidade.

Enfim você acordou. Você, majestoso como sempre foi, sempre levantava e dilatava a voz como o ar procura espaços no vácuo: observe: as folhas de ipê, não as flores, as folhas, elas cobriam a feiura dos poucos prédios que circundam porcamente sua estimada praça, protegendo seu momento feérico dos julgamentos seculares tão caros ao brasileiro médio. Urros que você proferia eram desprezados, não. Havia uma plateia para quem você profetizava, cujos cheiros e cores encantadores, além de sua invejável capacidade natural de chegar aos céus, criavam o efeito sonoro perfeito. Visceral e ignorável. Damas reinavam nas mesas de concreto, sobre as quais a plateia jogava presentes diariamente. Profetas são vis: você pisou num presente logo cedo e rumou para o centro da praça a fim de cumprir seu ingrato destino de Contar A Verdade. A Verdade. A Verdade. Homens beijarão homens.

Humanos de alma cândida certamente matarão. Consentiremos em deixar o Outro decidir nosso futuro. O Inefável será vendido como bife na casa do Senhor. Você é cristão. Talvez o cristão mais inocente que já pisou nessa praça. Sua inocência não é limpa e bem-vinda

como a das crianças, de onde provêm os mais puros e ternos sentimentos, sejam eles bons ou não. Não. Sua inocência é burra, ela te engana e você sabe disso. Você não quer acreditar na maldade humana, embora sequer busque saber por que ela existe.

Hoje pisaram no seu pé fecalmentecoliformizado e você não quis acreditar que foi intencional, porque. Mulheres dirão Não aos homens. Indivíduos serão reduzidos à condição de números. Realizaremos o desejo de pessoas desagradáveis para satisfazer desejos do corpo. Porque. Seremos congelados em películas de plástico. Aqueles risos não te riem, sobretudo daqueles que dissimulam na sua frente, contagiados pelas palavras do Profeta Anacrônico. Seu apelido. Não são prascóvios como você implora para que sejam. Você sente Dor. Você sabe por quê. Porque. Nessa mesma praça, você limpou as intimidades de um mendigo quando suas faculdades ainda podiam ser respeitadas. Era uma boca que mal conhecia a comida, mas *Vai, e se morder eu te mato*. Agora, homem de cinquenta como é, de regata rasgada, manchada de Cândida, alma suja e infância descabelada. O que te resta? Porque. Você estava lá e aconteceu e deveria ser o outro, aquele pé rachado que ia acabar se enforcando pouco tempo depois, se tivesse passado pelo que você passou. Você aguentou. Perdeu tudo por isso. Te conforta pensar que ele vive uma boa vida. Sobreviveu ao Inferno e hoje enfrenta problemas comuns com a esposa comum e o filho comum a algumas centenas de quilômetros daqui? Isso tudo porque. Você já viu aquele mendigo se persignando sob a porta de latão dos bares e, um dia, chegou a falar com ele sem quaisquer intenções vis, porque. Ele não lembra seu nome, nem o dele. Ele sente Dor? Diz-se que morreu: acometido de um infarto, preferiu não ser levado ao hospital. *Deixa eu aqui*. Tinha uma filha. Porque. Você quer saber por quê. Sozinho você sofre. A dor de saber sofrer só, sem partilhar sequer com o vento, tampouco com quem de ti se aproxima. Um solilóquio amargurado. Vida nefanda. Ouvissem pensamento e falassem os papagaios em vez de repetir, seria tua ruína moral, mas eles não fofocam, afinal são bons. Eles são puros. Papagaios te rodeiam, e isso parece querer dizer algo. Eles te rodeiam porque...

A VELA SOBRE O PROMONTÓRIO

Eduardo da Costa Mendes

Todas as lembranças dos episódios que agora relatarei aconteceram durante a minha infância e juventude. Por mais que todos os adentos dessa história induzam-me a um ávido desejo pela cauterização de todas essas malditas memórias, nunca consegui superar o que aconteceu naquela noite. E tal fato se dá mais pelos belos sentimentos nutridos naquela época do que pelos acontecimentos paranormais aos quais fui submetido.

Como eu disse, minha infância fora o palco de todos os detalhes agora narrados e por esse motivo, para que minha narrativa tome corpo, não posso deixar de contar alguns detalhes importantes para a costura e arremate dessa história. Naqueles tempos, minha família e eu morávamos em um pacato vilarejo no litoral da Grécia, nosso país de origem, local onde criávamos algumas cabras e plantávamos legumes, hortaliças e frutos. Nossa casa ficava próxima ao *Penhasco do Albatroz*, uma região onde as falésias nunca se aquietavam por conta do vigoroso sopro da brisa marítima e onde a vista se resumia ao misto do azure do céu com o plácido oceano, e às poucas ilhas que delineavam o panorama. Porém, por mais que a criação dos animais rendesse valores substanciais para o orçamento familiar, nossa principal fonte de renda eram as uvas e seus derivados. Meu pai, muito embora não tivesse prestígio entre a sociedade, era um dos melhores e mais conhecidos produtores de vinho da região. Ele até tentava vender todas as nossas mercadorias na loja que abriu em nossa casa, mas por conta da pouca incidência de fregueses, na maioria das vezes ele precisava sair para tentar conseguir algum lucro nas feiras da região.

Por ser ainda bastante jovem, eu não entendia perfeitamente os motivos do nosso comércio não ser tão bem aceito quanto os demais do vilarejo, mas conforme o avanço da idade esclareceu minhas dúvidas descobri que nosso infortúnio estava relacionado à proximidade da nossa casa com o *Farol do Arpoador*. E existiam motivos bem convincentes para que as pessoas não se aproximassem daquele lugar abandonado. Não apenas pelas lendas que falavam sobre o terrível fim do último vigia do farol, um arpoador que ateou fogo nas instalações do sinaleiro após enlouquecer por ter perdido os filhos e a esposa para o mar, mas também pelos modorrentos gemidos que urgiam do interior do ermo farol em noites de lua cheia. Meus pais costumavam dizer que aqueles gemidos eram apenas o efeito do vento ao se chocar contra os tijolos embolorados de musgo daquela torre, mas eu jamais tomei isso como uma verdade, até por que a forma como eles tentavam me convencer de tal fato era repleta de dúvidas e medo. E também é impossível desconsiderar as aparições luminosas as quais eram avistadas no cume do

farol, tal como se alguém acendesse velas ou lamparinas naquele lugar, nas madrugadas gemebundas.

O fato de que nosso quintal fimbriasse o farol do arpoador implicava em uma pouca aceitação da sociedade em relação a nós. Era como se fossemos criminosos, ou escondêssemos segredos capazes de causar aversão em quem nos visse. Poucos eram os fregueses que fechavam bons contratos com meu pai, pois, graças à soma da distância da nossa casa das demais do vilarejo com a proximidade do farol tido como assombrado, quase ninguém se dispunha a trilhar o rumo de nosso comércio com suas carroças ou bicicletas. E quando precisávamos buscar materiais para nossa subsistência nas demais lojas da cidade, frequentemente éramos distratados ou driblados pela desculpa de que tais mercadorias já haviam sido vendidas.

Certo dia, a transcorrência da minha juventude marcada pelo desmazelo social foi interrompida pela chegada da linda jovem a qual mudou minha vida. Eu estava no porto da cidade ajudando alguns colegas a embarcar mercadorias em uma nau, que logo se lançaria ao imenso oceano, quando a vi pela primeira vez e me impressionei com tão proeminente beleza. Eu não sei se criaturas tão angelicais podem ser negligenciadas com a medíocre nomeação de apenas um substantivo nominal, mas o nome da garota dos meus olhos era Handredja. Ao vê-la chegando com sua família, me debrucei sobre as anteparas de uma galera atracada, para assim assisti-la em seu momento de peripécias. Ela balançava de ponta-cabeça em uma argola metálica erguida por uma corda, atada em um dos mastros do navio, tal como um papagaio empoleirado. De pronto empertiguei aos meus camaradas, quem poderia ser aquela jovem, porém todos expressaram ignorância em relação à minha pergunta, mas alertaram-me sobre o dono da embarcação na qual se encontrava a garota, pois o mesmo se tratava de um poderoso comerciante, famoso pela crueldade entre os servos ao seu redor. Tamanho fora o meu vislumbre, que pouco dei atenção a isso.

Na época em que tive oportunidade de conhecê-la pessoalmente e tomar partido para conversar, por causa de uma conturbação familiar, minha vida estava um caos. Mas isso não me impediu de puxar assunto com Handredja, até por que, graças à aparente recíproca de seu interesse em relação mim, me senti bem mais a vontade. E nela encontrei o que jamais tive em toda a minha vida naquele vilarejo de esnobes moradores. O verdadeiro amor.

Ela possuía um ar desbravador, o qual era impossível de ser encontrado nas demais garotas do vilarejo e um tremendo apreço pelo mar e suas nuances. E seu jeito meigo fez de mim uma marionete dos seus gostos, tanto que, por conta do seu peculiar apreço por gatos acabei também me envolvendo com os felinos ao ponto de adotar um deles para mim. Como eu havia dito, ela entrou em minha vida no momento mais conturbado já vivido por mim até então.

Minha querida mãe estava sofrendo uma série de ataques psicóticos, os quais somente a perda do bebê que ela esperava poderia ser considerada um motivo plausível. Mas, ainda que eu tenha presenciado sucessivas tentativas de suicídio da minha mãe, era na minha amada que eu encontrava o porto seguro o qual eu precisava.

A culminância de todos esses acontecimentos foi a paixão mais avassaladora já vista na face da Terra. E nos amamos tanto quanto pudemos, sobre as mais variadas circunstâncias e ocasiões. Tal como se deve ser um casal apaixonado, deixamos os acanhados muxoxos para trás e partimos para fulminantes e despuídas relações, sendo que muitas delas eram consumadas à relva, ao ar livre. Porém, nossa vontade de nos entrelaçar em uma cama, saciava-se momentaneamente quando seu tio, o dono da embarcação, partia para outras províncias em busca de boas negociações. E aqueles dias representaram o limiar da felicidade a qual eu gozei em toda minha vida, mas infelizmente eram perecíveis. E nós sempre soubemos disso. Handredja sempre me alertou, que em algum momento ela retornaria para sua casa. E tão envolvido pelos desejos eu estava, que jamais acreditei naquelas palavras até o dia em que se concretizaram.

O sentimento de raiva logo se transformou em uma pesarosa tristeza durante os momentos que precederam nossa despedida. E eu, que sempre fui uma pessoa materialista, me esforcei para dar a ela tantos presentes quanto um pudesse carregar, como se aqueles singelos objetos fossem uma extensão do meu ser, os quais eu avidamente desejava que ela carregasse para cada canto que fosse.

Já conformados, fizemos profundas juras de amor e prometemos trocar cartas constantemente durante toda a nossa vida. E também, para simbolizar a chama do amor que sentíamos um pelo outro, todos os dias acenderíamos uma vela na parte mais alta de nossas cidades. Essa fora a maneira a qual encontramos para não deixar que um caísse no esquecimento do outro.

Enquanto seu navio cruzava as águas, no alto do Penhasco do Albatroz, eu derramava minhas lágrimas. Seria mentira se eu dissesse que não fui tentado pela vontade de me lançar do alto daquele penhasco de lívidos paredes, para assim findar o sofrimento da minha perda.

Conforme se passaram os meses e as cartas que enviei não foram correspondidas, resolvi me aventurar em leituras que contavam histórias de marinheiros que conseguiam sobreviver aos naufrágios das suas embarcações. Pensava eu que essa era uma boa maneira de me poupar da cruel ideia de que minha amada pudesse estar jazendo no frio e escuro fundo do oceano, ou na barriga de algum tubarão. Mas estava enganado, pois tais leituras inquietaram ainda mais os meus ânimos. Maldito seja Edgar Allan Poe, que com a escrita do romance *O relato de Arthur*

Gordon Pyn, fertilizou minha mente ainda mais com a crença de que minha amada poderia estar perdida em alguma ilha deserta desconhecida pelo homem.

Para que não fosse tomado pela loucura da desesperança, resolvi cumprir com mais uma parte do nosso afetivo acordo e decidi acender uma vela na parte mais alta do vilarejo. O problema é que minha jura de amor fora feita como a maioria das outras, sobre o ilusório efeito da esperança. E no momento mais emocional do que racional, no qual jurei acender a vela, não parei para pensar que a parte mais alta do vilarejo era o Farol do Arpoador. O maldito e assombrado farol, responsável pela desgraça da minha família durante tantos anos.

Era impossível suscitar a felicidade ao entrar naquele mórbido covil de almas errantes para cumprir uma promessa, mas que espécie de homem seria eu se não enfrentasse os meus medos em prol da garota que eu amava? Pela felicidade de Handredja, eu estava disposto a estapear o fantasma do Arpoador, ou qualquer outro se assim fosse necessário. Era o que eu pensava ao menos.

Na noite em que decidi acender a vela no alto do farol, apesar das nuvens fantasmiais estarem presentes no céu, a lua deixava seu rastro no murmurante oceano. Como de praxe, o vento uivava nos tijolos chamuscados do farol e agitava em ritmo débil os vagalumes como se os mesmos seduzissem quem perante eles estivesse. Segurando minha vela, fiquei parado em frente à entrada do farol durante muito tempo antes de tomar a coragem necessária para entrar. Então, após sucessivas tentativas de escancarar a entrada, consegui. E o ranger daquela porta soou tão amaldiçoadamente quanto se eu estivesse abrindo os portões de um cemitério antigo.

Ao entrar não me deparei com o breu absoluto o qual eu esperava, pois a ausência de um telhado liberava a passagem de bons feixes lunares para dentro da erna gris da instalação. Sobre os meus pés, um vigoroso lençol de poeira, acumulado ali ao longo dos tempos imemoriáveis forrava o chão tal como uma mortalha recobre um cadáver. E a sensação que tive ao estar lá dentro era tão prazerosa quanto se eu estivesse invadindo uma milenar necrópole esquecida pelo homem. Mas a minha presença ali estava condicionada a apenas uma ação, deixar a vela acesa no alto da torre destelhada, para que assim minha amada Handredja pudesse sentir o meu amor, mesmo estando longe. E eu estava bastante disposto a fazer isso. Porém nem tudo o que queremos está ao nosso alcance e a prova para essa afirmação será dada com a finalização dessa história.

Enquanto eu me dirigia com passos cautelosos em direção à frangalhada escada, fui acometido por uma compulsória e arrepiante sensação a qual suscitou em mim a ideia de não estar sozinho naquele recanto de negrume. Alarmado, meneei minhas vistas para todas as direções e, a um primeiro momento, nada encontrei. Mas ainda que meus arregalados olhos

captassem apenas a solidão à minha volta, a percepção sensorial do meu corpo indicava o contrário.

Por alguns instantes continuei a procurar uma razão palpável para aquela tão indolente sensação de estar sendo espreitado, mas nada que pudesse me responder essa questão parecia estar ao meu alcance. Foi então que uma áspera mão em meu ombro revelou que a situação havia sido arrastada para muito além da normalidade.

Um espectro parcialmente translúcido e detentor de cores diáfanas, olhou-me fixamente por alguns segundos. Pouco distingui da aparição, mas não me falhou a certeza de que em seu cenho havia uma repugnante barba e sobre seu corpo repousava uma decrepita capa. E eu, mesmo que mortalmente amedrontado, correspondi o olhar do Arpoador. Todas as fibras do meu corpo estavam paralisadas diante daquela entidade etérea, mas eu conseguia sentir o seu toque viril e intimidador. Enquanto me segurava, arfando como um touro prestes a investir ataque, o espírito nada disse, mas quando sua mão escapou do meu ombro e sua boca se abriu, deixei de ter a certeza de que minha promessa para com Handredja se cumpriria. Pois eu nada consegui fazer, além de deixar e vela para trás, sem saber se ela continuaria acesa e correr apavorado quando ele gritou:

— Saia do meu farol!

OS DOIS CAVALHEIROS E A DAMA

Vanderlei José dos Santos

Naquela manhã:

Cada um deles vinha lentamente de uma direção oposta; encontram-se ao centro, na vela e conhecida mesinha de concreto na praça, com seu tablado de jogo de damas pintado, já desbotado pelo efeito do tempo e do clima. Eles tiram dos bolsos de suas camisas de flanela um saquinho com pedras de jogo: um de pedras brancas e o outro de pedras pretas. Enquanto o mundo gira indiferente à sua volta, os dois idosos dispõem pacientemente as pelas em seus respectivos lugares e, sem trocarem nenhuma palavra entre si, começam a jogar.

Eram velhos conhecidos, e como jogavam toda manhã já conheciam a rotina e sabiam quem havia terminado a disputa no dia anterior, sendo que o outro jogador já reiniciava o jogo por saber que era a sua vez. Algum tempo depois, um dos dois anciões fora derrotado em duas partidas e já apresentava a testa franzida pela desconfiança de que o outro competidor estaria trapaceando.

No meio de uma terceira disputa, menos da metade de suas pedras está disposta sobre o tabuleiro. Dedo em riste e acusações de trapaça por parte de seu parceiro de jogo são proferidas. O outro roda sua bengala pelo ar, numa demonstração explícita de sua dignidade ofendida. Já não há mais o cavalheirismo característico entre os aposentados, que trocam acaloradamente palavras de baixo calão.

Cada um recolhe obstinadamente suas pedras, colocam-nas de volta aos seus respectivos saquinhos, metem-nos nos bolsos e cada qual toma seu caminho de volta sem se despedir.

Na manhã seguinte:

Cada um deles vinha lentamente de uma direção oposta; encontram-se ao centro, na vela e conhecida mesinha de concreto na praça, com seu tablado de jogo de damas pintado, já desbotado pelo efeito do tempo e do clima. Eles tiram dos bolsos de suas camisas de flanela um saquinho com pedras de jogo: um de pedras brancas e o outro de pedras pretas. Enquanto o mundo gira indiferente à sua volta, os dois idosos dispõem pacientemente as pelas em seus respectivos lugares e, sem trocarem nenhuma palavra entre si, começam a jogar.

Eram velhos conhecidos, e como jogavam toda manhã já conheciam a rotina e sabiam quem havia terminado a disputa no dia anterior, sendo que o outro jogador já reiniciava o jogo por saber que era a sua vez. Algum tempo depois, um dos dois anciões fora derrotado em duas partidas e já apresentava a testa franzida pela desconfiança de que o outro competidor estaria trapaceando.

No meio de uma terceira disputa, menos da metade de suas pedras está disposta sobre o tabuleiro. Dedo em riste e acusações de trapaça por parte de seu parceiro de jogo são proferidas. O outra roda sua bengala pelo ar, numa demonstração explícita de sua dignidade ofendida. Já não há mais o cavalheirismo característico entre os aposentados, que trocam acaloradamente palavras de baixo calão.

Cada um recolhe obstinadamente suas pedras, colocam-nas de volta aos seus respectivos saquinhos, metem-nos nos bolsos e cada qual toma seu caminho de volta sem se despedir.

Na manhã seguinte:

Cada um deles vinha lentamente de uma direção oposta ...

ALICE NO PAÍS DO FIM DO MUNDO

Simone Batista Mamede

Um dia que poderia ser como qualquer outro, Alice acordou vendo o dia azul – Dia azul? Afinal era o dia de “Ser e Estar”. Olhou no calendário, um feriado especial, “Dia de Sere Estar”. Mas, afinal que feriado é esse? Alice nunca havia reparado que todo ano haviaesse feriado diferente “*de ser e estar*”. Quando foi decretado o “Dia de ser e Estar”? Perguntou para os seus familiares e ninguém se recordava.

Neste dia se podia ser tantas coisas e estar em inúmeros lugares. A família se organizavapara estar em um lugar diferente de seu cotidiano para comemorar a parte do estar do dia. Na bagagem, carnes para o churrasco, refrigerantes, sanduiches, pães, copos descartáveis, CDs, roupas, guardanapos, bola, livros e jornal do dia para leituras, diversos utensílios, alguns úteis e outros nem tanto... Alice observava seus pais arrumando as coisas e pensava na quantidade de coisas que necessitavam para estar. E em seu mais profundo pensamentoimaginava que para ser não tinha necessidade de tanto. Então ela poderia ser sem ter. Elaacreditava que poderia ser e estar sem ter, no dia de ser e estar.

- Vamos Alice viajaremos para o Parque do Fim do Mundo para passar/comemorar o diade Ser e Estar. Eu serei Maradona com dois gols e sua mãe a rainha Terceira do Fim do Mundo e você Alicia o que quer ser no dia de ser e estar?

Alice não respondeu a seu pai e entrou no carro pensativa, ela não queria ser outra pessoano dia de ser e estar a não ser ela mesma.

No percurso até o Parque Alice ia observando pela janela do carro a neve, o sol, as rochas,a chuva, o arco-íris, as árvores-bandeira, flores, rio Pipo, os cauquens, chimangos, chingolos, o trem. No fim do mundo e no dia de ser e estar tudo é possível ver ao mesmotempo ou uma coisa de cada vez.

No Parque, Alice olhou para o bosque e viu uma lebre, que passou rapidamente entre as folhagens. Então foi ao seu encontro, mas a lebre era rápida demais. Quando chegou perto olhou bem para a lebre e falou: - Creio que já lhe conheço, você é a Lebre de Março, não?

Eu, Lebre de Março?? Não. Sou a Lebre de Setembro. Lebre de Setembro 22, encantada! A de Março é um parente muito distante. É a avó da mãe da mãe da minha mãe. No entanto, é a Lebre de Março 1, pois depois dela já vieram muitas outras incontáveis lebresde Março.

Incontáveis? Por que existem muitas lebres de março?

Acredito que existam muitas Lebres de Março por que também existem muitas Lebres de qualquer mês.

Como? Que confuso, não compreendi.

Que mês estamos? (Disse a lebre)

Setembro, (disse Alice)

Então, sou de Setembro. Vou tentar explicar. Aqui têm muitas lebres. Nossa espécie foi introduzida pelos homens nesta região já há algum tempo, provavelmente no período da mãe da mãe da minha mãe. Hoje somos muitos indivíduos, tantos que até a gente se assusta quando há assembleia das lebres, porque afinal não pertencemos a esta localidade, apesar de estarmos aqui.

Pensando nisso foi acordado entre os representantes da cúpula das lebres que a circulação das lebres seria em rodízio, de acordo com o mês de seu nascimento, as que nasceram em qualquer ano no mês de janeiro percorrerá tranquilamente qualquer via e local durante todo o período de janeiro, as de fevereiro em fevereiro, as de março, em março, as de abril em abril assim por diante. Desta forma, os humanos sempre acharão que somos menos, uma população controlada e que não oferece tantos riscos ao seu bem estar e ao de outros seres nativos.

Mas, se vocês foram trazidos pelos homens para a ilha porque querem despistar ou fugir dos homens?

Pois é, eles são indecisos, confusos e complexos. Primeiro nos trouxeram, mas depois que notaram que somos um problema - o que não posso negar - eles tentaram acabar com esse problema trazendo outro ainda maior, o Zorro Gris. O Zorro Gris acaba com a gente e com outras diversas espécies locais que nada têm a ver com a história. Bem, enfim, agora fugimos dos dois, dos homens e dos zorros introduzidos. Xii, estou mais uma vez atrasada, atrasadíssima.

Alice pensou consigo sobre a história sem muito cabimento que acabara de escutar da lebre de Setembro, e, se essa lebre não tivesse sido tão detalhista ela teria certeza que a mesma era realmente a lebre de março ou havia alguma relação mais forte com o 22 de seu nome.

Voce sabia que hoje é o Dia de Ser e Estar? Disse Alice.

Dia de ser e estar? Aqui as lebres são sempre lebres e estão mesmo sem quererem estar... Bem, não tenho muito tempo para explicações, pois estou mais uma vez atrasada para o mate com meu amigo Divino Botão. (Correm em direção ao amigo no meio do bosque).

Oh Divino Botão?

Olá Divino Botón, perdão pelo atraso.

-Atraso? Eu não percebi, pois meu relógio quebrou e acabou a manteiga.

Já falei para você, este relógio não ficará bom nunca, pois o conserto será melhor com doce de leite.

Por favor, sente-se para o mate. Pode sentar em qualquer lugar na mesa. Os lugares estão todos vazios. Há muito tempo que não temos visitas.

Alice olhava a mesa e seus anfitriões que permaneciam em pé e perguntou:

Divino Botão, você vive aqui há muito tempo? O que faz nesta região?

Eu sou de San Telmo, Buenos Aires, eu sou um vendedor de botões.

Estou aqui já faz alguns anos, pois estou num trabalho de resgate. É um trabalho sigiloso para um cliente que perdeu um botão em uma viagem ao Fim do Mundo. É um botão raro, redondo, amarelo e com um desenho de condor. Vim para ficar um dia, porém já estou aqui há 9, 10 ou 11 anos. Já perdi as contas. Agora estão perdidos os dois: a conta e o botão. Sei que cheguei numa primavera de muitos anos atrás.

Ainda não encontrou o botão?

Já encontrei muitas coisas, luvas, câmeras, botas, casacos, bolas, diques, fogões. Mas nada do botão amarelo com o desenho de condor. Certo é que vou encontrar logo porquetenho muitas pistas como: uma andorinha não faz verão e pica-pau não procura alimento em árvores jovens.

Cuidaaaaaaado, vamos correr, uma árvore caindo em nossa direção. Ohh! Não!!! São

os problemáticos castores mais uma vez. Começaram a trabalhar mais cedo hoje, que desastre. Bem na hora do nosso mate.

Vamos!! Corram todos em direção ao voo das aves... Elas sempre voam para o lado mais seguro.

Alice mais uma vez ficou perdida com seus pensamentos. Afinal, o Divino Botão sugeriu correr para a mesma direção das aves, por que foram para lados tão distintos? Cada um para um lado e só ela foi para o lado do voo dos cauquenes (gansos).

Percorrendo o bosque Alice observava as flores, as cores, escutava os sons, eram sons detantadas coisas ao mesmo tempo: canto das aves, vento, água batendo nas rochas, tudo tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Era o meio ambiente de dentro e de fora dela. Era ela e seu ambiente, era Alice na natureza e com a natureza. Era o sentimento de ser e estar no mundo. Então, nesse instante percebeu o significado do feriado. Alice estava no Parquedo Fim do Mundo com o Parque do Fim do Mundo. Agora, o Parque estava dentro dela com todas suas cores, sons, encantos e mistérios.

O encontro com a Lagarta Azul e a reunião para o Estar do dia

Caminhando pelo bosque Alice pensava por que a maioria das pessoas não reflete sobre a dinâmica dos ambientes naturais e suas inter-relações. Como é bom ser parte da natureza e como seria bom se todos pudessem sentir isso. Talvez não houvesse a introdução de espécies exóticas, ou seja, de espécies que não pertencem a este lugar. Alice caminhava com muitas perguntas em sua cabeça. E outras mais: Por que as pessoas não estão contentes com o que elas têm? Por que fizeram tantas introduções de espécies como castores, zorro gris (lobo acinzentado), trutas, rato acinzentado, coelhos, visón e tantos outros que só prejudicam os ambientes e a vida dos seres nativos? Como poderiam ser controlados os sagazes castores?

Porém, a pergunta que também não se calava era: onde estavam seus novos amigos? Então falou em voz alta: - Onde podem estar a Lebre de Setembro 22 e o Divino Botão?

E de cima de um guindo respondeu a Lagarta Azul:

Na diagonal direita vive a Lebre de Setembro 22 e na diagonal esquerda vive o Divino

Botão, ambos loucos.

Apesar de a Lebre ser 22 não a considero tão louca e o Divino Botão é um trabalhador determinado em sua busca incansável por um botão amarelo com um desenho de condor, disse

Alice.

A Lagarta Azul com um olhar distinto falou: A Lebre de Setembro não é tão Lebre assim e o Divino Botão valoriza demais as pistas que o conduzem a muitos locais, mas não para o que realmente quer encontrar.

Além disso, hoje todos por aqui estão mais fora do normal do que os outros dias, porque hoje é o Dia de Ser e Estar... Todos são o que querem ser e estão onde, por algum motivo ou sem motivo nenhum, desejam estar... disse a Lagarta Azul.

Se eu sou eu, e eles são o que querem ser, como eu poderei encontrá-los se os dois estão em locais opostos? Disse Alice à Lagarta Azul.

Creio que não poderemos aplicar aqui a lei de que os opostos se atraem, pois os opostos aqui são as localidades, a direção e não os elementos. E os elementos aqui são igualmente desequilibrados – a lebre de Setembro e o Divino Botão. Quem sabe temos uma resposta rápida pensando que: “A soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa”!

Teorema de Pitágoras?

Sim, todas as ciências são ferramentas para as respostas de nossas perguntas... Porém reconhecer toda a ciência e não tiver amor de nada adianta. Devemos ter os dois...

Alice escutando e avaliando o que falava a Lagarta Azul, percebeu que poderia usar outras teorias para obter suas respostas e unir suas teorias ao sentimento que tinha pelo

Parque que agora estava em seu interior. Era incrível o sentimento de estar no interior do Parque ao mesmo tempo em que ele estava em seu interior também.

Olhe!!!! Os dois estão chegando antes mesmo que eu terminasse os cálculos – disse a Lagarta Azul.

Alice se aproximou de seus amigos Lebre e Divino Botão, e disse:

Oi, que bom encontrar vocês. Estive pensando nos problemas causados pelas espécies introduzidas no Parque e me veio à cabeça a possibilidade de uma teoria embasada no “Dia de Ser e Estar”. Se no Dia de Ser e Estar todos podem ser e estar onde quiserem, é possível que de forma organizada consigamos resolver este problema, mas para isso precisarei da ajuda de vocês.

E qual é a estratégia, Alice? Disse o Divino Botão.

Muito simples: vamos fazer uma reunião para orientar a todos os animais introduzidos que não sejam outros a não ser eles mesmos e que podem desejar viver em seu local de origem. E claro, porque hoje é o “Dia de Ser e Estar!”

A Lebre contestou dizendo que não participaria de uma reunião com predadores e degradadores de ambientes naturais.

A Lagarta Azul ainda realizando seus cálculos interferiu, dizendo que os coelhos também causam danos ao solo, aos sítios arqueológicos e aos ambientes naturais de forma geral do Parque.

Porém, não sou Coelho senhora Lagarta Azul, sou uma Lebre! Lebre de Setembro 22, para ser mais específica. Entretanto, em meu mais profundo interior no dia de Ser e Estar eu gostaria de estar na Europa, assim como parte de minha origem e de meu nome oculto.

Europa? Nome oculto? Origem? Pergunta Alice.

Todos se dirigem à lebre com olhares interrogativos e de espanto. E justo neste momento

Lebre pergunta inevitavelmente pela hora, pois não estava gostando do rumo daquela prosa, e mais uma vez acreditava que se atrasara para um compromisso qualquer que, na verdade, não existia.

Eu não tenho hora, disse o Divino Botão.

Meu relógio permanece quebrado, ainda mais que eu tentei consertá-lo com um doce de leite anônimo. Quem sabe ficasse melhor se consertado com um doce de leite mais conhecido.

Alice indignada disse:

São 15:30h, é a hora de nos manifestarmos, é momento de ação! Não podemos ficar parados, indiferentes enquanto a natureza e várias formas de vida necessitam de nossa ajuda.

Assustada a Lebre grita:

Ohhh!! Não!! São 15:30h??? Eu não posso fazer mais nada, a não ser me preparar para voltar pra casa, porque volto para casa todos os dias às 16:00h. Não contem comigo para esta reunião, pois tenho apenas 29 minutos e 40 segundos para retornar à minha residência.

Eu também não posso contribuir porque estou muito ocupado, disse o Divino Botão. Estou ocupadíssimo em meu trabalho investigativo, principalmente agora que encontrei uma pista confiável e certa para encontrar o botão amarelo com o desenho do condor.

Depois de finalizar seus cálculos de trigonometria e analisar mais profundamente o que estava acontecendo, a Lagarta Azul observou a tristeza de Alice em relação aos seus amigos e a indiferença deles em relação ao mundo e suas conexões.

Com uma expressão serena e segura a Lagarta Azul falou:

Se pensa logo existe... E se não pensa, não existe? Se pensas o impossível, é possível? A ação deve vir depois do pensamento? Ser o que não é, é como não ser nem o que é nem o que

poderia ser. Nem uma coisa nem outra. É como um coelho que quer ser lebre. Na verdade pode até ser lebre, mas seus hábitos lhe denunciam, ou seja, permanecem de coelhos e suas tocas continuam sendo construídas sob o solo. Podem até ser uma lebre, mas será tão superficial como suas tocas. E sobre participar desta importante mobilização, eu diria a vocês o que disse um dia Confúcio “E por pensar ansiosamente no *futuro* não *desfrutam* o *presente*, porque não *vivem* nem o *presente*, nem o *futuro*. *Vivem* como *senão fossem morrer nunca*. *E morrem* como *se nunca tivessem vivido*”... Isso se aplica também à vida dos seres humanos. Há que pensar no futuro, porém só se pode mudar o futuro com ações no presente. São ações como estas que você propõe Alicia que podem contribuir com as futuras gerações.

Entre ser e não ser é possível um encontro. Assim é o mundo. O mundo é formado por conexões de elementos que se interagem de forma dinâmica e permanente. Se hoje somos nós, amanhã seremos nós e outros mais, a força da identidade integrada. Porém devemos ser sempre o que somos. Faremos a diferença sendo nós mesmos e unidos por um objetivo comum.

A lebre abaixou a cabeça envergonhada e falou:

Confesso que eu não sou lebre, mas como hoje é dia de Ser e Estar eu me brindei com o presente de ser lebre, porém percebo agora que posso contribuir muito mais sendo eu

mesmo, sendo o que sempre fui: um Coelho Europeu, ainda que eu tenha minhas limitações e meus pequenos atrasos. Também creio que chegar em casa uma vez apenas depois das 16h da tarde por um motivo importante não fará mal algum.

Forçaa! Vamos todos! Estou junto! Um dia a mais ou a menos não fará diferença na minha missão de busca ao botão amarelo, disse também o Divino Botão.

Então foram todos para a reunião com os animais introduzidos. Foi uma loucura juntar atodos, pois muitos deles no dia de Ser e Estar já haviam se tornado coisas absurdas... Porém a reunião foi possível e com a duração de mais de quatro horas. Depois de muita discussão, divergências e convergências, todos os grupos concordaram em ser o que erame voltar aos seus países de origem, menos os problemáticos castores que por malentendido pensavam que seriam deportados em contêineres, algo que consideravam indigno a eles. Mas, tudo se resolveu quando compreenderam que eles voltariam instantaneamente quando houvesse a sincronia entre o tempo do relógio “*Chronos*” e o tempo do coração – “*Kairós*”. E assim foram todos como que teletransportados durante a sincronia dos dois tempos, inclusive as pseudolebres de todos os meses e números. Da reunião permaneceram apenas Alice e o Divino Botão que se perguntaram:

¿E a Lagarta Azul?

Essa já havia se transformado em uma linda mariposa que voava na sintonia do bosque.

Do bosque vinha uma melodia com diversos sons, como dos inconfundíveis pica-paus-gigantes, da fiofio, cabecita negra, comesebo, ratona común, chingolo, tordo, zorzal e tantos outros... Realmente o bosque parecia estar em festa.

De súbito surgiu o pato de torrentes e o huillín para agradecer pela ajuda na proteção de seus ambientes. Mas, também se foram rápidos cada um para sua localidade, o pato em

direção ao Rio Pipo e Huillín para área do Rio Lapataia. Alice ficou encantada pois acreditava que eles eram uma lenda local.

Depois do sorriso de felicidade, do silêncio e de observa-los desaparecer no horizonte, Alice olhou para o Divino Botão e perguntou:

Divino Botão, qual é a pista confiável que te levará até o botão amarelo?

-Pista? Ahhh! Sim, a pista é: “Um sonho que se sonha só é só um sonho”.

O despertar

Alice, querida. Acorde, está quase atrasada para sua aula, Alice! Vamos, está um lindo dia. Bom dia, minha princesinha! Disse sua mãe.

Alice ao despertar disse sorrindo:

Bom dia Rainha III do Fim do Mundo, onde está Maradona com seus dois gols no feriado de Ser e Estar?

Feriado de Ser e Estar? Este feriado não existe minha pequena. Deve ser mais um de seus sonhos. Apronte-se para ir a escola hoje haverá aula da Trama das Ciências envolvendo diversas fórmulas e teoremas, até Teorema de Pitágoras. Maravilhoso, não?

No caminho para a escola Alice olhava pela janela do carro a paisagem do Parque e todosos elementos da natureza ali abrigados. Agora tudo parecia mais próximo, mais familiar, de alguma forma tudo o que via estava interiorizado nela. Alice agora levava para a escola um novo sentimento e a ideia da criação de um grupo: “Clube dos Amigos do Parque do Fim do Mundo”! Quando desceu do carro, ao abotoar sua blusa de frio percebeu que ali estava o botão amarelo com desenho de condor... Sim, agora Alice desejava sonhar junto em defesa do Parque do Fim do Mundo...

O BAÚ DE MEMORABILIA

Doulgas de Moraes Lara

Há muito a mente da velha senhora lhe pregava peças, fizesse o que fizesse sua memória lhe deixava confusa o que lhe causava imenso desconforto e angústia.

Efigênia tinha dificuldades em identificar de pronto os vários netos, bisnetos e afilhados que a vida lhe dera. Eram tantos os rostos e os nomes que ela já não sabia distingui-los, como lhe era por eles solicitado.

Ela ficava triste com a forma que as crianças, em suas brincadeiras tão características, davam risinhos fazendo troça quando ela se confundia e chamava um pelo nome do outro. Havia respeito aos idosos na sua época de criança, coisa que não se vê muito nos dias de hoje.

Era mais um daqueles infundáveis finais de semana em família, com a casa repleta de parentes que para ela eram praticamente desconhecidos. Rostos, vozes, humores, cobranças, discussões infundáveis, tudo se embaralhava em sua mente. Por isso mesmo, já não mais se esforçava para se lembrar quem eram cada uma daquelas pessoas.

No Domingo de tardezinha sua memória confusa lhe trouxe os fios das lembranças de suas preciosidades e então, foi se afastando da algazarra que a parentela fazia na sala de estar e, com muita dificuldade, venceu os degraus da escada para o andar superior da antiga e imensa casa, e depois dirigiu-se lentamente para o soturno sótão.

Num canto escuro do lúgubre cômodo estava o seu velho baú que os filhos fizeram absoluta questão de que fosse depositado junto com todos os cacarecos sem serventia. Seus olhos turvados pela idade se iluminaram com a possibilidade de rever aquele baú de sua memorabilia. Nasceu-lhe um sorriso de saudade ao rever e sentir o tecido de suas antigas, porém brilhantes roupas de gala das primeiras décadas da segunda metade do século passado.

Havia sido uma época de alegrias, amores, sorrisos e brilhos que foram se apagando lentamente com o passar dos anos, mas, naquele momento os fios de suas memórias estavam novamente todos acesos. Ela conseguia se lembrar de sons, cores, sabores e sensações que vivera tão intensamente.

Efigênia não conseguia compreender direito o motivo, mas sentia que necessitava de rememorar tudo aquilo, reviver novamente aquelas velhas e desbotadas emoções que a fizera mover vida a fora. Sentia-se feliz ali naquele instante de lucidez que já não se recordava que ouvira mais cedo seus filhos dizendo que a colocariam em um lar de idosos, o que a apartaria de seu baú de memorabilias e relíquias pessoais, que Efigênia tanto gostava de visitar uma vez ou outra.

PADRASTOS MALVADOS

Glauber da Rocha Silva

Moacir dá um soco tão violento na boca da minha mãe que escuto da cozinha o estralo. Fico com tanto medo que corro para o quintal, me esconder. Pergunto-me:

– Ela apanhou novamente por minha causa?

Alguns minutos depois minha mãe aparece, olho roxo. Tento fugir dela, mas não consigo – tenho quatorze anos apenas. Minha mãe me pega pela camiseta:

– Cadê os cinquenta reais que você pegou de minha bolsa?

– Que cinquenta reais, mãe?

– Não minta pra mim. Eu sei que você pegou.

Dias atrás havia pedido à minha mãe cinquenta reais para poder comprar a camiseta personalizada do nono ano. Ela negou. Eu disse:

– Poxa vida, todos da sala compraram... Por que só eu que não?

– Anda, me diga! Onde você colocou os cinquenta reais, Serginho?

– Não peguei, mãe, eu juro.

– Foi por tua causa que ele me bateu, seu filho da mãe! – ela diz, descendo a mão em mim.

Moacir sabia que minha mãe tinha cinquenta reais na bolsa. Havia chegado bêbado e queria mais dinheiro para poder voltar pro bar. Procurou os cinquenta reais de mamãe mas não o achou. Com raiva, o maldito deu um baita soco nela.

– Me perdoe, mãe – eu digo no chão, após mamãe cansar de tanto me bater.

Vou para meu quarto, onde continuo chorando. Graças a Deus Moacir não está mais em casa, foi para o boteco da esquina, como sempre faz após bater em minha mãe. Na cama rezo para ele não voltar bêbado e bater novamente em minha mãe e talvez em mim. Moacir nunca me bateu, mas quem bate na mãe pode bater no filho também. Acabo dormindo antes de ele voltar. Na verdade, Moacir demora um dia para aparecer novamente.

Na escola, fico pensando poxa vida, por que ele não me bateu em vez de bater em minha mãe? Não sou o culpado? A coordenadora percebe alguns hematomas em meus braços. Me chama para conversar, em sua sala.

– Quem bateu em você?

– Ninguém. Caí da árvore.

Amo muito minha mãe para entregá-la assim, numa bandeja. A coordenadora é muito religiosa e me diz para nunca esquecer que Jesus me ama. Gosto de ouvir que Jesus me ama. Parece que quando escuto isto acabo me amando também.

Outra pessoa que amo muito é a Kimberly. Ela estuda na mesma sala que eu. É branquinha, cabelos negros, fios retos. Seu rosto é redondinho, mas ela não é gordinha, talvez ficará algum dia. Mas, sempre que penso em me declarar para ela me pergunto:

– O que ela vai querer com um menino burro feito eu?

Compro balas de chocolate com o dinheiro que sobrou da camiseta personalizada da sala e dou algumas à Kimberly.

– Obrigada – ela diz, se virando rapidamente.

Kimberly não gosta de mim, ela gosta do Matheus, um menino do oitavo ano, que tem os olhos azuis e é bom em futsal, basquete, handebol, vôlei, matemática, história, geografia, ciências e tira nota boa em tudo, inclusive nas provas de inglês. Já eu não. Eu não consigo aprender nada direito (só escrever que aprendi bem) e só não apanho da minha mãe quando zero nas provas porque ela não liga muito para a minha vida escolar: ela já participou de alguma reunião da escola? Creio que não...

O professor Leopoldo entra na sala e deixa a prova em nossas carteiras. Enquanto as entrô diz que qualquer tipo de comunicação entre os alunos as provas dos envolvidos serão recolhidas imediatamente. Troca de olhares, movimentos dos lábios, leitura labial: tudo será motivo para ele tomar a prova.

Ao entregar as provas dos alunos ele volta e fica no meio da lousa, vigiando a turma toda. Leio a prova e vejo que se tudo der errado a entregarei em branco.

– Vocês são mestres na comunicação não-verbal, pena que quando crescem acabam desaprendendo – ele diz ainda.

Piscar o olho direito: letra a. Piscar o olho esquerdo: letra b. Levantar as sobrancelhas: letra c. Olhar para cima: letra d. Olhar para baixo: letra e. Tudo isto funciona perfeitamente, exceto com o professor Leopoldo. Até quando um aluno o chama para tirar alguma dúvida ele não deixa de vigiar o restante da sala: é como se o professor Leopoldo tivesse olhos na nuca.

Rogo para o Fabrício me salvar. Evito olhar para o meu colega até o momento em que ele joga a borracha no chão. Faltam cinco minutos para soar o sino do recreio. Pego a borracha. 1) a, 2) c, 3) d, 4) a, 5) b, 6) e, 7) a, 8) b, 9) a, 10) c. Assinalo um x em cada uma delas e entrego a prova. Soa o sino e saio correndo feito um doido para o recreio.

O recreio é na quadra de esportes. A quadra é enorme, há até uma pequena arquibancada. Chego na roda dos colegas da sala e eles me tratam muito mal. Um deles me chama de teta de baleia. Sou gordo; e todos os gordos, todos os nerds e qualquer um que não se encaixa no padrão de beleza imposto pela mídia impiedosamente sofre bulling nesta escola.

Saio de perto deles. No meio da quadra acontece a brincadeira *passou, apanhou*. Deixo passar uma latinha de Coca-Cola entre as pernas, apanho, corro até a trave do gol, para salvar-me,

mas caio e levo chutes no estômago, nas pernas, na cabeça. Choro, até eles pararem. Quando me levanto vejo que meus cotovelos estão esfolados.

O sino do fim do recreio soa. A sala está fedida, do suor dos alunos. A professora de Matemática é recém-formada e bem fraquinha. Quando ela sente aquele fedor quase desmaia. Senta-se à sua mesa e fica abanando um livro.

– Quem aguenta esse fedor, gente? Eu não aguento! – diz ela, saindo.

Ela sempre tem essa reação. Fica fora da sala de aula uns dez minutos, até o fedor amenizar. Enquanto isto os estudantes fazem guerrinha de papéis. Nesta guerrinha não falta palavrões. Enquanto brincam de guerrinha e falam palavrões eu olho para Kimberly. Ela está sorrindo, ela vive sorrindo. Parece que a todo o momento ela enxerga algo engraçado. Quase nunca a vejo triste, exceto quando o professor Renato, de Geografia, a assediou, mandando a foto do pênis dele para o seu celular.

O professor de Geografia foi demitido, Kimberly mostrou a foto do pinto do professor à escola toda. Não contente, jogou nos grupos de WattsAp. Muito provavelmente o professor Renato nunca mais conseguiu um emprego como professor.

Na época fiquei com raiva do professor Renato por ele ter mandado a foto do pênis dele para Kimberly, mas não muito, ele era bacana, legal mesmo, gostava das aulas dele, aprendia muito.

No último tempo a professora de Matemática entrega as provas. Leio a prova e não consigo responder nenhuma questão. Ganho um bilhete, para entregar à minha mãe. É para ela comparecer na escola. Quando o sino do fim da aula soa, jogo o bilhete no cesto de lixo e, como quem esquece de tudo que aconteceu, saio correndo feito um doido.

De volta pra casa, na rua de chão, fico olhando as pedras. Vejo uma bem grande, preta. Se Moacir bater em minha mãe, jogo essa pedra na cabeça dele, penso eu. Pego a pedra e a coloco na mochila. Se ele bater na minha mãe, digo:

– Não bata nela, bate em mim, se você for homem! – e jogo a pedra grande e preta nele.

Mas, à noite, quando Moacir bate em minha mãe novamente, eu me acovardo e me escondo.

A INVASÃO DAS BACTTRKIAS FENU CZIANAS

Fabio Dobashi Furuzato

Tive um üUü durante essa unkdermia!

Isso, é claro, não significa muita coisa, uma vez que tive vários üUüs durante essa unkdermia. Além do mais, somos mais de sete bilhões de uRRybzs no vnoeçñ... E uma parcela muito significativa desses mais de sete bilhões de uRRybzs deve ter üUado – e sabe-se lá o quanto – nesses meses todos!

Acontece que o meu üUü foi impressionantemente real!

O que também não quer dizer grande coisa, pois é provável que bilhões de nós tenhamos üUado de modo impressionantemente real – e de maneiras talvez muito mais impressionantemente reais do que eu –, durante essa unkdermia que parece não ter fim.

A diferença é que agora, neste exato momento em que começo a revelar este üUüa vocês, vou adquirindo cada vez mais a convicção de que essa revelação pode mudar completamente o rumo dos acontecimentos no vnoeçñ.

Sim, é isso mesmo! Enquanto vou lhes contando meu üUü, o vnoeçñ já estará se transformando gradativamente e, com o passar do tempo, nunca mais seremos os mesmos!

Bom... Já percebo a reação de alguns uRRybzs mais céticos, com aquele sorrisinho zombeteiro nos lábios, olhando-me de cima pra baixo, como se eu fosse um completo ktChigai ou talvez só mais um maluco varrido de pedra qualquer.

Mas, depois do que me aconteceu, pouco me importa... E qualquer um que estivesse no meu lugar faria o mesmo!

Ora, o isolamento social me impede de encontrar outros uRRybzs. Então tenho falado o máximo possível sobre o que üUei nas redes sociais, mas, até agora, sem recebera devida atenção. Ninguém tem paciência pra ler textão ou ver vídeos longos!

E quem, afinal, perderia meia hora que seja para escutar o üUü que alguém teve durante a unkdermia?

Então resolvi escrever este texto supostamente ficcional, porque os uRRybzs amantes da literatura costumam ser mais pacientes. Eles pelo menos vão se dERgrarvar por alguns minutos e, enfim, não se kpvaste nada...

Se vocês tiverem prestado atenção nos noticiários durante a unkdermia, hão de se lrmbrar que, em meados de toZtembro, circularam notícias a respeito da possível descoberta de bacttrkias no vnoeçñ Fênczs.

Aqueles que tiverem ido além da mera curiosidade despertada pelas manchetes

devem saber que são apenas indícios de que essas bactérias possam existir, pelo fato de que determinadas moléculas foram detectadas na atmosfera fenúciana. Essas moléculas, por sua vez, chamadas fosfinas, podem ser produzidas por atividades geológicas, como vulcanismo, ou pela presença de bactérias anaeróbias (que não necessitam de oxigênio).

Mas, nas proporções em que foram detectadas nas nuvens de Fênuczs, a fosfina parece ter sido produzida por atividades bacterianas – ou seja, por micro-organismos extraterrestres – e não por fenômenos geológicos. E, uma vez que a detecção da fosfina foi feita por radiotelescópios instalados em nosso vnoeçn, seria necessário, para que se comprove ou não a existência de tais bactérias fenúcianas, colher o material alienígena e analisá-lo em laboratórios de Tlön. Tal possibilidade, no entanto, está atualmente descartada, pelo altíssimo custo que teria uma expedição como essa.

Basicamente, essas são as informações que consegui reter na memória de tudo o que li a respeito, na internet, acho que nos dias 14 ou 15 de toZtembro. Não tenho grande interesse por assuntos desse tipo, nem grande conhecimento de qMuíca, biKçologia ou asLMonomia. Por isso, peço aos leitores mais entendidos que pesquisem sobre o assunto, até para me corrigirem se eu estiver errado.

Mas o que realmente importa é que, alguns dias depois de ter lido essas notícias, eu estava sozinho em casa bebendo dvn~vskn e ouvindo lgn;vulk. Não completamente sozinho, pois minha mãe estava dormindo no quarto dela e os três nsvkls latiam no quintal.

Então, num determinado momento, os latidos ficaram tão intensos que eu acabei indo lá fora ver o que era. Acredito que isso tenha acontecido na madrugada do dia 03 ou 04 de toZtubro, pois, pelo que me lrmbo, eram por volta das 3h00 e, para que eu estivesse acordado até essa hora, devia ser um fim de semana.

No meu quintal – e foi só nesse momento que me dei conta de que tinha andado muito pouco pela parte externa da casa, durante todos esses meses de unkdermia – há uma parte mal iluminada, onde eu tenho uma mangueira e outras árvores frutíferas, além de um ipê e uns arbustos que, pra ser sincero, nem sei como chamam.

E os nsvkls latiam intensamente na direção dessa parte mal iluminada do quintal, que fica no fundo do terreno, onde eu quase não ia ultimamente, como já zPYkEi, e talvez por algum motivo wqXcfrente. Mas o fato é que fui até aquela parte do quintal, porque os nsvkls não paravam de latir!

A noite estava especialmente escura, apesar da lua cOhTóyia. E, se eu não estivesse meio embriagado, teria sentido medo, mas também é possível que eu tenha ido

lá fora mais levado pelo impulso do que pela coragem. Então tentei me concentrar, olhando para onde os nsvkls latiam e tive a impressão de ver um vulto e escutado um barulho

como se fossem passos muito leves sobre as folhas úmidas.

Fiquei meio paralisado, sem saber o que fazer, e senti uma espécie de arrepio – outalvez ondas elétricas – subindo pelas canelas até mais ou menos a região da virilha e, depois de cima pra baixo, a partir das ontkenas helicoidais até a nuca.

Não havia motivo pra me preocupar, pois às vezes aparecem aqueles tipos de gambazinhos ou lagartos por aqui e, mais raramente, gPXatols. De qualquer forma, umagota de suor completamente gelada escorreu pelas minhas axSSprillas, enquanto eu sentiaum bafo de ar quente nos ombros, apesar de ser alta madrugada.

Num impulso de grande coragem, alcancei o meu cLeClular no bolso da calça e liguei a lanterna. E, inicialmente, não vi absolutamente nada, além das plantas que eu conhecia tão bem durante o dia, mas que me pareceram suspirar naquele momento. Nesse instante exato, os nsvkls se calaram, como se aguardassem por algo surpreendente – umaameaça da qual, de algum modo, a minha presença ali os protegesse.

Foi então que eu vi uma nuvem azulada, muito clara, quase transparente. Uma espécie de fumaça, mas que também poderia ser só a névoa da madrugada, embora me parecesse que exalava algum tipo de cheiro e também emitia uma voz, um tipo de pensamento alto, pronunciando o meu namae, como se tentasse me atrair para algum lugarmisterioso.

Fiquei sveknBBente por essa voz, mas não sei exatamente por quanto tempo. Só sei que, quando dei por mim, era quase dia claro e eu estava ali no meio do quintal, completamente parado, olhando para o nada.

Foi uma sensação muito estranha! Porque parecia mesmo que eu tinha dormido em pé – e o que tivesse acabado de acontecer, nesse intervalo de tempo, houvesse sido, num piscar de MmaUlws, sveknBBenteadado da minha consciência.

Senti também como se, no momento anterior, estivesse na presença de muita uRRybz, mas subitamente todas elas simplesmente tivessem desaparecido, inclusive da minha memória.

E nem os meus nsvkls estavam mais por ali!

Passado o momento de maior surpresa, fui voltando a sentir aquela leve embriaguez de antes... E nada mais me restava a fazer, além de ir dormir...

Foi então que üUei exatamente com a mesma sequência de acontecimentos. No meu üUü, estava novamente bebendo dvn~vskn sozinho e escutando lgn;vulk, quando osnsvkls começaram a latir com muita insistência.

Logo fui lá para o quintal ver o que era e acendi a lanterna para iluminar a área dojardim onde tenho umas árvores e por onde praticamente não lSzkuei durante a unkdermia. Formou-

se aquela nuvem de cor azulada, quase transparente, e senti um cheiro delicado de perfume, ao mesmo tempo em que ouvi umas vozes cegas suspirarem meu nome, como se me chamassem. Como se o próprio ar, movendo-se lentamente, fosse capaz de pensar alto o meu próprio nome!

Subitamente, naquele intervalo de tempo que da outra vez se apagara na minha memória, senti como se despertasse, mas não para a realidade cotidiana e sim para um nível da realidade mais verdadeiro do que tudo o que eu tivesse vivido até então.

Neste nível de realidade – é difícil até de explicar o que aconteceu... –, eu pude ver as bactérias fenúcias, como se fossem pequenas luzes piscantes. E elas eram verdadeiras kfn.cjs da natureza, mas de uma espécie de Natureza muito mais pura, anterior a qualquer espécie de corrupção, disso que chamamos de... kaoplização uRRyzana...

E essas bactérias, de fato, pronunciavam o meu nome. Estavam realmente me chamando, para que eu ultrapassasse uma espécie de portal. Elas me pegaram pela mão e então eu as vi em sua essência, belas como Kfn.cidades, e poderosas como se fossem as próprias Kfn.cjas do Amor, da Justiça, da Paz.

A çmcarlegem que falavam não era a nossa. Era uma çmcarlegem muito mais sveknBBente, mas que eu só conseguia compreender, porque tinha ultrapassado os limites daquele portal. Parecia uma espécie de lgn;vulk ou pBoesia que agora eu me sinto incapaz de reproduzir...

Mas Elas pronunciavam o Meu Próprio Nome!

Não era o nome que eu tenho nesse vnoeçn, mas o que tenho no NoSttO Vnoeçn. E eu só compreendia porque estava sendo iniciado em outro tipo de cLultéria, como se estivesse nascendo para uma outra uRRyzidade.

Tive a impressão de ter passado muitas horas nesse ritual de lgn;vulk, pBoesia e lrbto especialmente de um sentimento muito intenso e elevado, como se fosse a revelação de tudo o que era mais Kfn.cjaado no Vnoeçn.

Elas me disseram que eu ia acordar e talvez não me lrbtasse de tudo exatamente, mas que guardaria a sensação de ter vivido isso como se fosse uma realidade mais verdadeira.

Também me disseram que não importava o que ainda acontecesse, nem quantas vezes eu voltasse a adormecer, pois aos poucos iria despertando para a Verdadeira uRRyzidade Superior. Aos poucos, na mesma medida em que a minha própria çmcarlegem fosse lentamente invadida por Bactérias de Fênczs.

E o mesmo aconteceria a todos os uRRyzs que tomassem conhecimento deste üÜü!

A todos os que lessem ou escutassem esta MEçCGOAIwR;V!

Gradativamente, todo o Vnoeçn despertará!

ARFN KFN.CJAS!

AMANAJÉ

Sylvia Cesco

Meus pobres irmãos,
quão triste é sabê-los ...

Dói-me o coração, a voz me cala
diante de tamanho desmazelo
para com sua gente, povo primeiro
destas terras.

Confesso que de onde estou
não posso ouvi-los e nem vê-los:

-Lá fora, há algazarras e buzinas de carros
celebrando sabe-se lá o quê...

porém, posso senti-los
como se guató também eu fora,
ou quem sabe guarani, kadiweu ou índia terena?
Sou uma auati irmanada com suas dores plenas
impedidos que são de ver nascer da terra a flor
enquanto a pranteiam tal como a mãe que perde um filho
agonizando sem voz, sem verde e sem viço.

Oh, meus irmãos, pobres irmãos!

Aqui, do meu tekoha urbano
também choro por todos vocês,
pelos seus frutos que murcharam antes da colheita
seus bichos queimados em fogueiras de ambição.

Quero juntar-me à sua triste sina de refazer o canto
dos jaós, das juritis, dos sanhaços e sabiás.

Deixem-me dar-lhes as mãos na travessia
dos muros do impossível.

Oh, meu povo amado!

Até quando nossa dor invisível inda será necessária?

Até quando vão nos mostrar extensas garras de cobiça?

Antes pois que o tempo que a tudo desperdiça,

nos deixe em perpétuo estado de mudez

selemos, meus irmãos, nossa boda imaginária

sob as luzes cintilantes de românticos urissanês.

POR ESSAS RUAS

Vini Willyan dos Santos arruda

Por essas ruas eu andei solitário

Andei requebrando os meus quadris

Andei ouvindo anedotas

E às vezes usava batom.

Por essas ruas eu andei de mãos dadas

Entre assobios, perversidade e assombração.

Por essas ruas eu andei meia noite e meio dia

Na sombra dos santos e na luz que os guia.

Andei com o Diabo

De minissaia, bêbado e assustado.

Andei desligado

Do mundo, da vida.

Por essas ruas eu andei “viado”

Andei devagar e andei rápido

Fugia do medo, do soco

Do susto que é viver.

E morri odiado na língua de outro “viado”.

Por essas ruas eu vivi meus melhores 100 anos

Ouvindo Raul e Lady Gaga.

Fiquei constrangido com chacotas

Dos lindos moribundos às vezes marombados.

Eu tremi

De frio e violência.

Por essas ruas que ninguém me mostrou a esquina

Virei produto de um corpo traficado,

Mas se hoje ainda canto com doçura

É que segui

Meu destino encruzilhado.

Pois se em algum lugar sei viver

Esse lugar é aqui

Por onde andei,

Ninguém andou ao lado.

E me fiz seu, meu, sua

Enquanto no telhado da igreja ouvia os pombos

Por essas ruas onde o corpo pomos

Eu gozei

e você, Gozou?

POENTE

Raphael Vital

Antes via o mundo rodar diferente
Hoje observo as cores do presente
Caminhando pelo trilho dourado do poente
Cada qual com o seu pensamento
Tanta gente

Pedalandando vejo coisas que não via antes
Pedras de uma rua morta no crepúsculo da tarde
Sentimentos vividos por cada cidadão perdido
Na busca diária da alforria proibida
Tanta gente
Diferente

PANTANAL EM CHAMAS

Maycon Jhon Wutzke

Oh pantanal! Terra de belezas insondáveis
Da maior planície alagada do mundo
De valores inegociáveis
Porque os homens te vendem assim?

Pantanal onde o tuiuiú fazia ninho a beira da estrada
Onde o jacaré-açu descansa na margem do rio Paraguai
Onde o silêncio extremo é rompido pelo bater de asa das garças
Pelo som do pialinho e do boiadeiro tocando a boiada

È o mesmo boiadeiro que anda por onde havia as aroeiras
Os Ipês, o Angico e a velha Paineira
Boiadeiro que toca fogo no pasto
Que destrói as matas
Onde a onça-pintada queima suas patas.

Onde a capivara deixa seu bando
Onde existe tanto espanto
Que o chão virou cinza, as árvores viraram lenhas
E as espécies vão ficando extintas.

Hoje já não existe mais o meu velho pantanal
Suas matas viraram pastos e areais
O que era água agora virou braseiro

E o que era de beleza extrema
Pela fumaça foi tomado
Incendiando o Pantanal e Vendendo a Natureza
Tudo isto para que seu bife estivesse à mesa.

Mas ainda tenho a esperança
De um dia te ver renascer
Com as chuvas do verão te ver reflorescer
Manda agora Senhor chuvas abundantes
Para que a vida aconteça como nunca visto antes.

IMPACIÊNCIA DO NÃO-LUGAR

Claudinei Oliveira Tomas da Silva

Entre duas, três ou multidões ...
O que ocorre no mundo
sacrifica o mundo, TODO

O que nos move (deveria) é continuar acreditando
Acreditar na belezaDA vida
Da luz
Na luz

Seguir dói... A pressão dói ...
Mesmo nos recuos do percurso...
É preciso ceder... É preciso entender
Que temos/vivemos novos rumos
Novos tempos...

Tempos de escolhas
De lugares
Não-lugares
Onde reina a {im} paciência

POESIA NA PANDEMIA

Edson Francisco Arakaki Gazola

De geração
em geração Sempre há uma canção
Triste ou alegre
A agonia desaparece
Transformando tristeza em alegria
Pois a música é uma magia
Com a alma ela combina
Pois com o coração ela se cria

[...] Daí veio a pandemia ...
Faz pensar no dia a dia
Da poesia marginal
Que muito nos ensina

Abre-se os olhos
Muitas coisas acontecem
Reflita como na música...
Mudando o agora
E não deixando para o outro dia!

O POODLE PRETO

Ravel Giordano de Lima Faria Paz

I

Não sei de onde ele veio. Só sei que era um completo estranho na nossa rua. Eu, pelo menos, nunca o tinha visto por Ali.

Era domingo, e, como quase todo domingo, meu pai fazia churrasco. O quintal estava abarrotado de parentes. Eu, nesse tempo, já era vegetariano, e como não tinha nenhum primo mais ou menos da minha idade, preferia ficar na sala assistindo TV. Além disso, a pessoa da família com quem eu mais gostava de conversar era meu avô Edgardo, mas ele não ia mais em casa, pois havia brigado com meu pai por algum motivo besta.

Eu tinha então quinze anos, umas quinhentas espinhas na cara e apenas quatro dedos no pé direito, pois um pinscher devorou meu mindinho quando eu era bebê. Não sei se isso me traumatizou, já que eu provavelmente nem vi o que aconteceu, mas foi o bastante pra me tornar desconfiado em relação a bichos peludos em geral.

O fato é que quando eu vi aquele poodle preto lá fora, ao me levantar pra ir ao banheiro, não tive nem um pouco de pena. Digo isso porque ele olhava pelas grades do portão com uma cara de fome de dar dó em qualquer velhinha solitária. Eu era meio solitário, mas de velhinha não tinha nada, e tudo o que pensei foi: “Cai fora, mané, meu outro mindinho é que você não come!”.

Quando voltei do banheiro, ele continuava lá, babando pela língua comprida feito um toboágua. Era um poodle pequeno, desses que parecem de pelúcia, apesar do pelo desganhado de cachorro que não toma banho há meses.

Como minha mãe tinha me trazido uns pedaços de carne, na esperança de que eu os comesse, eu pensei que também não custava fazer uma caridade. Joguei os pedaços um a um pela janela, e o cachorro foi comendo sem ao menos mastigar direito.

Depois continuei a ver TV. Lembro que passava um programa de auditório, e os candidatos não sei que prêmio tinham que imitar justamente um cachorro. Uma moça estava deitada no chão, balançando as “patinhas” com a barriga pra cima. Nem sei por que eu assitia aquilo. Acho que era porque estava curtindo a música de fundo, um rockão que começava com um cara de voz aguda gritando “*Hey, hey, mama, tchurutchutchuchu...*”. Desculpem, meu inglês é péssimo.

Lá fora, o poodle deu uma latida, não sei se agradecendo ou pedindo mais. Devia ser

a segunda alternativa, pois logo minha mãe, encantada de ver o prato vazio, encheu-o novamente, e o novo conteúdo teve o mesmo destino do outro.

Meia hora depois, quando eu senti um cheirinho de pão de alho vindo lá do fundo e me levantei pra matar minha própria fome, o cachorro não estava mais lá. Na TV, sete anões disputavam cabo de guerra com um halterofilista vestido de príncipe encantado.

II

No dia seguinte, ao chegar da escola no final da manhã, tornei a ver o poodle, dessa vez deitado à sombra da árvore em frente de casa. Quando abri o portão, ele ergueu a cabeça e meolhou, abanando o toquinho de rabo. Era meio-dia de um dos dias mais quentes do ano, e eu pensei que não haveria problema em pôr um pouco de água pro coitado.

Quando cheguei com a vasilha, ele se ergueu devagar, como se estivesse cansado, e nessa hora eu notei que havia alguma coisa nos pelos ao redor de sua boca. Talvez fosse terra, ou, sei lá, chocolate... Mas quando ele começou a beber a água e esta se tingiu de vermelho, eu não tive dúvidas: aquilo era sangue!

Bem, ele podia ter comido um bicho morto, ou mesmo revirado algum lixo com restos de carne crua ou mal-passada... Quem sabe o próprio lixo da nossa casa, antes de ser recolhido pelo lixeiro. Resolvi não esquentar com aquilo.

No almoço, quando fui me servir, decidi pegar um bife pro cachorro. Minha própria refeição foi arroz com feijão, além da abobrinha refogada que minha mãe fez pra mim. Nossa família era basicamente carnívora, principalmente meu pai e meu irmão mais novo, que às vezes só comiam carne, mesmo. Não era um bom negócio eles pensarem que eu tinha desistido de ser vegetariano, porque assim minha mãe cozinharía menos coisas “alternativas”, mas a verdade é que eu começava a simpatizar com o peludo lá fora. Se ele continuasse nos visitando diariamente, talvez pedisse a meus pais para adotá-lo.

Quando levei o bife, ele já havia ido embora. Fui recolher a vasilha e vi que ela estava vazia, mas o fundo, que era branco, tinha se tornado vermelho.

E se ele estivesse doente? Por via das dúvidas, resolvi jogar a vasilha no lixo.

III

O poodle preto sumiu por alguns dias. Antes que ele reaparecesse, o telejornal noticiou o primeiro dos casos que ficaram conhecidos como “os crimes da Rua Magra”. Essa era a nossa rua, que com certeza tinha esse nome porque era muito estreita. Uma típica rua dos bairros populares de São João do Apocalipse, com suas casas pequenas e velhas, algumas

quase desabando.

A primeira morte, aliás, foi a do seu Demérito, um velho solitário e recluso que morava numa casa caindo aos pedaços quase em frente à nossa. Acho que eu não o tinha o visto mais de dezvezes na vida. Meu pai costumava contar a história do dia em que tentou vender um dicionário pra ele. Mal ouviu a palavra “dicionário”, seu Demérito bateu a porta na cara do jovem mascate, gritando:

– Nunca mais me fale em dicionário!

Bem, acho que ele tinha seus motivos...

Mas quem me contou sobre a morte do seu Demérito foi meu irmão Jeremias. Eu havia tido aula de educação física, e era quase uma e meia quando cheguei em casa. O Jerê estava me esperando, no sofá da sala.

– Josias, você viu o que deu no jornal? O seu Demérito foi assassinado!

– O seu Demérito aqui de frente?!

– É, ué. E por acaso tem outro?

– Vai saber... Mas assassinado como, por quê, por quem?

– O jornal disse que deve ter sido algum animal selvagem, mas eu acho que foi um vampiro!

Ele foi encontrado com o pescoço destroçado... Se fosse um lobisomem, não teria sobrado nada.

O Jeremias tinha nove anos, e ultimamente vinha acreditando nessas coisas.

– Mas os vampiros não mordem o pescoço das vítimas e extraem o sangue por doisfurinhos?... – eu perguntei.

– Não, isso é mito! – ele respondeu. – Larga de ser bobo, Josias!

Eu balancei a cabeça e pensei comigo: “Essa gurizada se acha muito esperta...”.

IV

É claro que eu fiquei com uma pulga atrás da orelha. Quando se olha todo dia para um pé desprovido do mindinho, sabendo que esse dedo foi devorado por um pinscher maluco (minha mãe dizia que ele nunca tinha sido muito normal), pode-se esperar qualquer coisa de um poodle –macho, fêmea, preto, branco, azul, rosa, não importa.

Apenas calhou daquele ser preto.

A minha desconfiança aumentou no dia seguinte, quando pesquei esse pedaço de conversada minha mãe com a vizinha:

– Mas que eu saiba ele nunca teve cachorro! – dizia minha mãe.

– Pois é – retrucou a vizinha. – Mas tenho certeza que eu ouvi latidos na casa dele

outro dia.

– Que estranho...

Mais tarde eu perguntei pra minha mãe e ela confirmou que a conversa era sobre o seu Demérito. Imaginem o arrepio que eu senti nos pelos dos braços...

Dias depois, o poodle preto voltou. Dessa vez eu o vi chegando, bem na hora em que ia saindo de casa. Era outro domingo, outro churrasco, e eu não estava disposto a ficar respirando aquele incenso de bicho morto o dia inteiro.

Ele vinha cansado, quase se arrastando, com a cabeça baixa e a língua mais comprida do quenunca. Parou no instante em que me viu, mas eu segui adiante. Antes, fiz questão de bater o portão com força, pra ver se ele entendia que não era bem-vindo. Mas não olhei pra trás pra ver se ele tinha parado ou ido embora.

Almocei e passei o dia na casa do Maurício Magrão, o Magrão da Rua Magra, ou o Mestre dos Magros, como também era conhecido. O Maurício é um cara inteligente pacas, provavelmente o melhor aluno em Exatas que já passou pela nossa escola. O único da cidade a ganhar uma Olimpíada Estadual de Matemáticas, e não uma, mas três vezes.

Quando eu contei a “solução” do Jeremias pra morte do seu Demérito, ele deu risada.

– Mais fácil ter sido o cachorro que apareceu aqui

na rua...Eu engoli em seco.

– Tá falando do poodle preto?

– Esse mesmo. Já viu como os olhos dele brilham no escuro?...

– Brilham como?

– Um brilho vermelho... um vermelho tipo...

–... cor de sangue?!

– Isso, um vermelho sanguíneo.

– Credo...

No finzinho da tarde nós fomos na praça do bairro bater uma bola, de modo que só voltei pra casa à noite. Deviam ser quase dez horas, e não havia nem sombra de cachorro em frente ao portão, que eu abri o mais silenciosamente possível, pois nos domingos meus pais e o Jeremias costumavam dormir cedo, depois de passar o dia comendo. Na hora em que eu ia abrir a porta da sala, resolvi dar a volta pelos fundos, pra entrar pela cozinha e tomar um copo d'água. Mas, aindano corredor externo, vi um par de olhos brilhando no escuro, bem debaixo da churrasqueira...

– Mãe, quem foi que recolheu esse cachorro? – eu perguntei no dia seguinte, depois de uma noite mal dormida. Devia ter acordado umas dez ou quinze vezes, sentindo uma pelagem canina em meu pescoço. Mas todas as vezes era só meu próprio cabelo, que naquela época estava quase batendo no ombro.

– Fui eu – minha mãe respondeu. – Ele parece tão bonzinho... E já passou da hora de você perder o medo de cachorro, né, Josias?

– Eu não tenho medo de cachorro, mãe... Só acho que não custa ser prudente. Ele por acaso é vacinado?

– Como eu vou saber? Seu pai ficou de levá-lo ao veterinário e dar todas vacinas.

Eu dei um suspiro. Não queria passar por medroso e, muito menos, maluco, mas não tive alternativa senão falar o que me afligia.

– Mãe, a senhora lembra do que a vizinha disse? Sobre ter ouvido latidos na casa do Demérito? Pois é, naqueles dias eu vi esse cachorro com os pelos da boca sujos de sangue...

Nessa hora minha mãe ficou pálida. No fundo, quem ficou traumatizada com o devoramento do meu mindinho foi ela. E talvez essa história tivesse acabado por ali mesmo se nessa hora meu pai não aparecesse na cozinha, onde nós tomávamos café.

– Você tá falando de domingo retrasado? – ele foi dizendo. – Nesse dia, aliás, no dia seguinte, eu dei um monte de tripas e gorduras que tinham sobrado pro Rusher.

– Rusher?... – eu torci o nariz. – Que nome mais feio!

– Pode ser, mas ele gostou...

Eu me voltei pra onde meu pai olhava e vi o poodle preto, daqui pra frente Rusher, nos observando do quintal, com sua eterna língua de fora. Ele estava a um passo do batente da porta aberta, como se soubesse muito bem até onde podia ir. Mais educado, impossível.

E não é que ele tinha um olhar quase humano?

– Bem, se foi isso... – eu dei de ombros, o que não me impediu de sentir outro calafrio.

VI

Ao longo daquela semana, Rusher se integrou à nossa família. Era, de fato, a educação em pessoa, digo, em cachorro. Nunca rosnava pra ninguém, só fazia xixi e cocô no espaço de terra, esperava pacientemente a comida... Só faltava pegar o jornal, mas também nós não assinávamos nenhum.

A única coisa que o deixava nervoso eram os passarinhos. Era ver um pássaro, voando ou pousado, que ele passava de mascote fofinho (não confundir com *mascate*, aquilo que meu

pai tinha sido) a projeto de cão raivoso. Principalmente se o pássaro fosse preto.

No mais, tudo ia bem, canina e humanamente falando, até que no sábado à noite ele sumiu. Pelo visto, conseguia passar pelas grades do portão. Só reapareceu na tarde seguinte, todo estropiado, como se tivesse brigado na rua. Chegou tão abatido que foi direto pra casinha que meu pai tinha improvisado pra ele. Era como se não sentisse o cheiro da carne assada. Meus primos tentaram brincar com ele, mas o Rusher não reagiu sequer aos puxões no rabo que ganhou.

Eu só soube de tudo isso no dia seguinte, porque também aquele domingo eu passei na casa do Magrão e de jogando bola. Não pensem que eu era o artilheiro do time. Até que driblava bem, mas vivia “furando” a bola, ou seja, chutando o ar invés dela, e isso inclusive nas horas mais críticas, como diante do gol. Pra me justificar, botava a culpa no mindinho ausente. Aliás, é verdade: parece que não, mas faz muita diferença.

Naquela noite, eu cheguei em casa tão cansado que não quis nem tomar banho. Até pra atravessar a sala e ir pro meu quarto me faltou coragem, de modo que arriei no sofá mesmo. E eu estava quase pegando no sono em frente à televisão, que transmitia o *Apocalíptico* – o programa noticioso e de entretenimento mais assistido da TV Glup!, a emissora local –, quando ouvi o repórter dizer:

– Com vocês, ao vivo, nossa repórter Sônia Quatrolhos, que está na Vila Osso Duro, onde ocorreu mais um caso de morte violenta. Boa noite, Sônia! O que você nos conta?

– Boa noite, Pedro, boa noite, telespectadores. Pedro, este é o segundo caso de assassinato violento, em menos mês, que tem como cenário a Rua Magra aqui na Vila Osso Duro. Tanto que as redes sociais já se referem a essas ocorrências como *os crimes da Rua Magra*.

A repórter estava em frente a um velho sobrado, que, se não me falhava a memória, ficavano finzinho da rua. Pelas minhas contas, de casa até lá davam exatamente dez quadras. A Rua Magra é um bocado comprida, o que a torna mais magra ainda.

Vejam o que é o gosto por emoções fortes: meu sono e até meu cansaço tinham passado.

Aproveitei que não tinha tirado o tênis e fui lá conferir a cena.

O sobrado no fim da rua era tão velho e deteriorado que chegava a lembrar um castelo em ruínas. Era uma das poucas casas do bairro sem muro ou quintal na frente, ou seja, cuja área construída dava direto pra calçada, e a gente tinha a impressão de que ela podia desabar sobre nossas cabeças a qualquer momento. Aliás, de vez em quando um pedaço de tijolo se desprendia do beiral de uma das duas janelas lá de cima.

Quando cheguei, o carro da TV Glup! estava indo embora. Eu só havia assistido o *Apocalíptico* até saber quem tinha sido a vítima: dessa vez, era uma velhinha, que, como o Demérito, também morava só, ou melhor, com uma dúzia de gatos, que dali em diante seriam os donos da casa.

Segundo a reportagem, as marcas no corpo da velhinha eram idênticas às do seu Demérito. Humano ou não, aquele monstro era mesmo um covarde. E o pior é que os legistas não tinham conseguido identificar o tipo de coisa – arma, dentes ou garras – que havia feito aquilo.

Dei uma olhada em volta. Algumas pessoas ainda conversavam, com ar preocupado. Uma senhora parecia em estado de choque, como se tivesse certa de que seria a próxima vítima.

Aos poucos os moradores foram se recolhendo, e meia hora depois a rua estava praticamente vazia. Mesmo assim ainda demorei uns dez minutos antes de resolver me aproximar do sobrado. Foi fácil pular o muro, que não era muito alto, mas, pra minha decepção, a polícia havia selado a porta da entrada com uma espécie de fita isolante. Mas aí me lembrei de uma coisa: o quintal daquela casa dava pra um terreno baldio, onde antigamente nós costumávamos jogar bola.

Pra resumir a história, cinco minutos depois eu estava lá dentro, vasculhando a sala, a cozinha e os quartos com a ajuda da lanterna do meu celular. Além de não estar exatamente limpo, com teias de aranha por todo lado, o lugar estava literalmente caindo aos pedaços. Havia, inclusive,

mais de um buraco na parede pelo qual o Rusher podia ter entrado. Na sala, uma rachadura se estendia do chão até o teto, cortando-o até a metade. No chão, na direção exata da rachadura lá em cima, havia duas pequenas manchas escuras...

Uma escada de madeira nada confiável dava acesso ao segundo piso. Subi-a o mais devagar que pude, agarrado ao corrimão. Ainda bem, porque quase no fim da escada eu pisei em falso: simplesmente faltava um degrau! Pela altura, a queda poderia ser fatal. Cheguei lá em cimatremendo. Respirei fundo e segui adiante.

Eu só não tinha notado que a bateria do celular estava no fim, e, como sempre acontecia, acabou de repente. Eu havia entrado em um dos quartos com janela para a rua,

e ainda pude ver uma grande mancha de sangue seco no chão, ao lado de um daqueles desenhos sinistros, feitos de fita adesiva, com o formato do corpo humano. Ou seja, era ali que a velhinha tinha sido morta.

Nervoso, cheguei a tatear a parede em busca do comutador, mas depois pensei melhor: se eu abrisse só um pouco a janela, talvez a luz do poste, a uns vinte metros dali, fosse suficiente pra inspecionar o lugar. Era uma daquelas antigas janelas de madeira com venezianas, mas estas estavam tão sujas que mal deixavam entrar um pouco de claridade.

Constatei isso quando já tentava abrir a janela, mas alguma coisa me fez parar. Havia algo mais além de poeira nas venezianas... algo muito parecido com um tufo de pelos pretos.

Quando enfim abri um pouquinho da janela, e vi que aquilo parecia mesmo ter saído da pelagem do Rusher, fiquei tão atordoado que dei um passo pra trás, e nessa hora eu senti que enfiava e torcia o pé num buraco estreito. Era a rachadura que começava no térreo e subia até o teto, ou seja, o chão do quarto. Seja como for, eu caí de mau jeito em cima de algo estranhamente macio

– e nesse momento eu ouvi o grito mais agudo e pavoroso que já ouvi na vida.

Era um dos gatos da velhinha. Preto, é claro.

VIII

E é claro que eu voltei correndo pra casa. Ou melhor, meio correndo e meio me pulando: a torção tinha sido leve, mas meu pé ainda doía. Dessa vez entrei pela porta da frente, sem o menor cuidado. Mesmo assim, tive de acordar minha mãe – meu pai, àquela hora, seria impossível – e pedi que ela fosse comigo até a cozinha, onde mostrei a ela o tufo de pelos.

– Será que é do Rusher?! – ela perguntou, assustada.

– Você tem alguma dúvida, mãe. Vai lá fora e confere...

Ela me olhou com medo, mas antes que respondesse nós ouvimos um arranhão na porta, muito de leve.

– É ele! – eu falei, com a voz trêmula.

– Credo, será que ele percebeu que nós... Não, ele só deve estar com fome, não comeu nada o dia inteiro. – Minha mãe tentava retomar o autocontrole.

– Por que você não compra ração e deixa lá pra quando ele quiser?

– E você acha que ele come ração? Ele só gosta de...

– ...carne – eu completei. – De preferência mal passada.

– Olha, Josias, não tem por que a gente ter medo. O Rusher é muito bonzinho com a gente.

– É, ele já deve estar saciado...

Minha mãe ignorou minha ironia e foi levar uns restos de comida pro Rusher. Logo eu ouvi um “cain!”, e quando minha mãe voltou tinha dois ou três fios pretos e engruvinhados na mão, que ela mesma comparou com o tufo que eu tinha trazido. Pela cara que fez, eu percebi o resultado do exame.

– Josias, muita hora nessa calma! Pode ser só uma coincidência... Ou, não sei, talvez ele játenha morado lá...

– É – eu respondi –, e aí na frente com o seu Demérito... Minha mãe deu um suspiro e pensou por alguns segundos.

– Tá bom, amanhã eu converso com o seu pai. Ou você acha que a gente devia procurar apolícia? Ou a carrocinha?...

IV

Mas não chamamos a polícia nem a carrocinha, quer dizer, o Centro de Controle de Zoonoses. Falamos com meu pai, que pediu um tempo pra digerir a história:

– É meio pesada pro café da manhã...

Ele foi pro trabalho, eu e o Jeremias fomos pra escola e minha mãe ficou lá, com o Rusher.

– Pelamor de Deus, mãe, toma cuidado!

– Fica frio, Josias, sobrou muita carne na geladeira. Duvido que ele dispense uma picanha pra comer meu pescoço...

– Mãe, vira essa boca pra lá!

Como sempre, fui pra escola com o Jeremias, embora geralmente voltasse sozinho. Eu tinha passado metade da noite acordado, tentando montar aquele quebra-cabeças sinistro. Por que, afinal, haveria pelos do Rusher em um lugar alto como as persianas da janela? Na cena que eu julgavamais convincente, ele dava um salto fatal – vai saber do que um *poodle* alucinado e faminto é capaz

– pra abocanhar o pescoço da velhinha, que, tentando se safar, o atirava de encontro à janela. Mas também podia ser outra coisa...

Eu tinha decidido deixar o Jeremias de fora daquilo, mas não resisti e perguntei:

– Jerê, você sabe se cachorros também se transformam em lobisomens? Ele me olhou como se eu fosse a pessoa mais fora da casinha do mundo.

– Tá bom, deixa pra lá – eu falei.

Foi quando me lembrei de uma coisa. No ano anterior, o Magrão tinha ganho o primeiro prêmio da Mostra de Ciência da escola com um rastreador que ele mesmo projetou e construiu. Efoi justamente na aula de Física que eu contei a história pra ele, e estava apresentando minhas hipóteses (nós sentávamos no fundão) quando o professor nos interrompeu.

– Vocês não querem deixar pra discutir esse assunto na aula de Superstição? Ah, que pena, aqui não tem essa matéria...

É que o Magrão tinha dito a palavra “lobisomem” meio alto, depois que eu a sussurrei pra ele. Se bem que, pelas minhas hipóteses, aquilo não seria bem lobisomem, e sim, sei lá... Cachorromem? Lobochoorro? Lobocachorromem? Lobiscanisomem! É, assim

tá ótimo.

O fato é que, mesmo não vendo o menor sentido na minha história, o Magrão topou me emprestar o rastreador com que ele tinha ganho a Mostra de Ciência. Na saída da escola nós passamos na casa dele, que me explicou como o mecanismo funcionava. Depois, naquele mesmo dia, eu comprei uma coleira pro Rusher.

X

Nas semanas seguintes, a vida seguiu normalmente. O Rusher parecia e se comportava como o cãozinho mais afável do mundo (ainda mais de banho tomado), e só saía de casa na coleira, onde eu havia prendido o rastreador.

Eu mesmo o levava pra passear, quase todos os fins de tarde. Minha esperança – e meu medo, ao mesmo tempo – era que ele resolvesse aprontar mais uma de suas proezas.

Pra todos os fins, eu só saía com o celular carregado. O rastreador do Magrão funcionava com o GPS, só que ao invés de um endereço a gente digitava o código do chip grudado na coleira. E pronto: ali estava o pontinho preto se movendo na tela. Não me perguntem como o Magrão realizava essas façanhas.

Como eu disse, os dias corriam normalmente. A não ser pela movimentação incomum no bairro, pois os “crimes da Rua Magra” haviam ganho repercussão nacional, principalmente devido ao assombro dos legistas, que juravam que bicho nenhum na Terra possuía uma arcada dentária compatível com aquelas mordidas.

Uma das vezes que um carro de uma rede de nacional de TV parou em frente de casa, pra filmar a do seu Demérito, eu quase fui falar com o repórter, mas resolvi deixar quieto. Pra contar uma história daquelas a um desconhecido eu precisaria de provas, e pra lá de convincentes.

No domingo, finalmente, eu repeti o programa das semanas anteriores: fui pra casa do Magrão, estudamos, jogamos Fortnite até o fim da tarde e depois fomos jogar bola na praça, sempre com o celular ao meu lado, com a notificação sonora do rastreador ligada. Ela seria ativada assim

que o Rusher ultrapassasse o portão de casa.

Pra garantir que não comeria mosca, e também pra não forçar muito o pé direito, dessa vez pedi pra ficar no gol. Eu podia não ser um bom goleiro, mas dava um salto mais bonito que o outro, ainda mais com o cabelão que, àquela altura, já tinha passado nos ombros.

Mas não dei salto nenhum no último gol que tomei, no finzinho do primeiro tempo, porque foi justamente quando a notificação do rastreador – um *grrrr* de cachorro bravo – tocou. Eu dei uma espiada e conferi que, pela velocidade em que ia, o Rusher não tinha saído pra passear com alguém. Nem fui buscar a bola no fundo da rede:

- Galera, eu tenho que ir! Sinto muito, mas...
- Já vai tarde! – o time respondeu em coro, enquanto os adversários comemoravam o sexto

gol.

Então eu dei uma olhada no GPS, pra conferir a localização do Rusher, e vi que ele ia pro

começo da Rua Magra, exatamente onde morava o meu avô... Sozinho! Quando me lembrei disso, saí correndo à toda, tão desesperado que, uns cinquenta metros adiante, na hora em que fui pular uma boca-de-lobo, acabei pisando de mau jeito... com o pé direito, pra variar. Ele latejou na hora. Também, depois de tantos saltos fantásticos (e inúteis) no gol...

Tentei retomar a corrida mas vi que, realmente, a coisa estava feia. Foi quando o Magrão parou ao meu lado, montado numa bicicleta.

- Sobe aí, Josias! Vamos conferir a raça desse lobisomem...
- E essa *bike*? – eu perguntei.
- É do Gordo. Sobe logo!

O Gordo, também conhecido como Muralha, era o goleiro do outro time. Subi na garupa e lá fomos nós, eu e o Magrão na magrela do Gordo, serpenteando pela Rua Torta rumo à Rua Magra... Eu estava tão tenso que nem pensei em fazer piada.

XI

Antes de prosseguir, preciso explicar por que eu gostava tanto do meu avô Edgardo. Ele não era o tipo de avô que enchia a gente de doces, nem que levava pra passear ou chutar bola, mas adorava nos contar histórias terror e era um piadista nato. As histórias que ele contava era tão bizarras, e as piadas tão sujas, que durante muito tempo minha mãe, sua filha,

implorou que ele parasse com aquilo, mas ele nunca parou. Ela é que parou de insistir. Infelizmente, pouco depois meu pai brigou com ele. Mas isso não vem o caso.

O caso, mesmo, é que na reta final da nossa corrida, quase chegando na casa do vô, nós começamos a ouvir os latidos do Rusher. Eram os latidos dele, com certeza, fininhos e meio irritantes como sempre. Ou seja, por enquanto nada de lobisomem, aliás, de lobiscanisomem.

Quando chegamos em frente à casa, protegida apenas por um portão e um muro baixos, ainda pude ver um toquinho de rabo sumindo pela lateral externa. Na certa o Rusher tinha tentado entrar pela frente sem sucesso, e agora ia tentar a porta dos fundos.

Aí eu gelei de novo: anos atrás, o vô Edgardo havia tido um cachorro, e, como ele era marceneiro – o vô, não o cachorro –, construiu uma portinha basculante na porta da cozinha, que dava para o quintal do fundo, pro Tobi entrar e sair quando quisesse. Ou seja: do jeito que era esperto, o Rusher já devia estar lá dentro!

Não havia tempo a perder. Pulei da garupa de qualquer jeito e saí pulando igual um Saci canhoto, mas antes mesmo de abrir o portão (ele era tão baixo que não valia a pena trancá-lo) já estava gritando:

– Vôôô!!!

Ninguém respondeu. Eu e o Magrão começamos a esmurrar a porta da frente, que estava trancada, mas aí eu me lembrei de uma janela lateral que quase nunca fechava direito. E, de fato, pra nossa sorte ou azar, ela estava entreaberta. O Magrão fez um pé-de-cabra pra que eu pulasse e veio em seguida.

Enquanto isso, o Rusher latia feito louco. Corremos pro quarto do vô Edgardo, de onde vinham os latidos, e o que vimos nos deixou literalmente paralisados de terror.

XII

Num extremo do quarto, ao lado da cabeceira da cama, estava meu avô, de pé, de olhos arregalados e com o corpo duro, como se estivesse morto ou num transe hipnótico. No outro extremo, um sujeito alto, quase nu, usando apenas uma espécie de cueca ou calção de banho apertado, estendia uma mão cheia de unhas compridas em direção ao vô, ao mesmo tempo que arreganhava uns dentes enormes e pontiagudos, saltados para a frente como um arsenal de facas.

E, entre os dois, o Rusher, rosnando, latindo e tremendo todo, como se fosse pular sobre aquele cara medonho. E foi o que ele fez. É verdade que só alcançou a canela, mas pôs-se mordê-la como uma fera de sete quilos. Foi quando o sujeito – acho que *monstro* é mais

apropriado – lhe deu um pontapé, gritando:

– Você de novo, seu rato de pelúcia?... Será que eu vou ter que acabar com a sua raça?!Aí foi a vez do Magrão gritar:

– Mamãe!

É que o Rusher tinha voado exatamente em cima dele, ou melhor, da cara dele. Eu, que já estava meio zozzo, perdi o equilíbrio de vez – acreditem, nessa hora um mindinho faz falta – e acabei caindo. Aí o vampiro – é, pelo visto aquilo era um vampiro – finalmente notou a nossa presença. E gritou:

– Quem são vocês? A sobremesa do meu jantar?!

Mas nisso ele desviou a mão que apontava pro meu avô, o que o tirou de seu transe.

– Josias?! O que está...

Antes que meu avô terminasse de perguntar, o monstro encheu o peito e soltou um rugido, crispando as garras e arreganhando os dentes em nossa direção. Depois foi nos fitando um por um, com os olhos injetados de sangue, enquanto balbuciava com a voz roufenha:

– Uni-du-ni-tê...

Eu me encolhi no canto mais próximo, tremendo de medo. Se você me acha um covarde, ponha-se no meu lugar... Foi quando, de repente, alguma coisa atingiu o vampiro bem no meio da testa! Parecia algo leve, como uma bola de papel. Mas, o que quer que fosse, o fez soltar um gritode dor ou surpresa. Da testa dele, o projétil rolou até minhas pernas. Era uma cabeça de alho!

Olhei pra trás e quem eu vi? O Jeremias, com uma sacola e um estilingue nas mãos! Nisso ele já armava outro ataque, enquanto o vampiro recuava, aterrado. O Jerê, por sua vez, só avançava, sempre atirando e gritando:

– Seu monstro covarde! Assassino de velhinhos!

Logo as cabeças de alho acabaram, mas ele ainda tinha um pacote de pães de alho, que felizmente não chegou a usar, e um pote de molho... de alho, é claro. Num segundo ele pegou uma colher, abriu o pote e começou a espargir seu conteúdo sobre o vampiro, que urrava de ódio.

Então nós ouvimos um *puf!* e o quarto se encheu de fumaça. Só o que eu pude ver é que havia algum bicho voando às tontas, trompando nas paredes, até que o Rusher, aproveitando uma rasante, deu um salto e o abocanhou. Em menos de um minuto, quando a fumaça terminou de se dissipar, só o que havia no chão era um par de asas de morcego... Além de uma cuequinha minúscula, na certa feita de algum material superelástico.

Eu fiquei aliviado, é claro, mas não pude deixar de pensar que o morceguinho, digo, o vampirão tinha poupado a vida do Rusher no mínimo duas vezes... Enfim, se o cachorro é

o melhor amigo do homem, como o Rusher tinha acabado de provar, aquilo também provava que os vampiros, definitivamente, não são humanos.

– V-vampiro... a-alho que espanta vampiro... v-vampiro que vira morcego... – gaguejava o Magrão. – Isso tudo não é mito?!

– Claro que não – respondeu o Jerê. – Larga de ser bobo, rapaz!

XIII

– Como foi que você chegou aqui, Jerê? – eu perguntei mais tarde, já na cozinha, comendo os pães de alho com o suco de tomate (combinação perfeita) que o vô tinha preparado pra nós.

– Seguindo o Rusher, ué! Aliás, que faro ele tem...

– Quer dizer que você já tinha tudo preparado?...

– Claro, eu sempre soube que era um vampiro!

Eu não disse que as novas gerações estão cada vez mais espertas?

O Magrão e meu avô pareciam mais atordoados que nós. Mas tranquilo, mesmo, só quem estava era o Rusher, que nos observava com a eterna língua vermelha de fora.

Quando acabei de comer, peguei um livro que estava aberto sobre a mesa. Parecia um livro de contos. Dei uma olhada no índice e li alguns títulos: “O gato preto”, “Os crimes da Rua Morgue”, “A queda da Casa de Usher”... Não sei por quê, mas tudo isso me soou familiar.

Eu ia conferir o nome do autor, mas nessa hora lembrei de dar uma olhada no celular e vi que minha mãe já tinha ligado três vezes. Pudera: era meia-noite em ponto. Enviei uma mensagem tranquilizadora pra ela e falei pro Jeremias:

– Vamos, né? A mãe tá preocupada.

Saí mancando, amparado pelo Jerê e pelo Magrão. Quando nos despedimos, o vô falou:

– Venham me visitar, meninos... Há quanto tempo vocês não ouvem minhas histórias!

– Pode deixar, vô! – eu respondi. – Mas a próxima história é por minha conta, beleza? Játrago escrita e impressa...

– Ótimo! De preferência em treze partes, viu? Até outro dia, então! Ou outra noite... Venhatambém, Magrão. Você também, cachorro, volte pra fazer um lanche de vez

– em quando!

– Auf! – respondeu o Rusher, olhando-o com um olhar... como eu digo... sanguíneo? Ah, esses seres carnívoros!

CLODOVELDO NOVELHO

Augusto Figliaggi

Num dia de sol Clodoveldo Novelho chegou. No céu, nuvens como novelos de lã e em seus pais, explosão de felicidade. O berro tomava conta da casa, demonstração da vida nova naquele lar. Bem que poderíamos começar a história aqui, mas esse não é o início.

A infância de Clodoveldo foi aventureira, vivia num sítio junto aos pais, em meio aos animais, árvores frutíferas e banhos no riacho. Brincava de coisas que quase não se vê as crianças brincando hoje em dia. Mas essa história também não começa aqui.

Ainda meninote, ele e os pais plantaram um pequeno arbusto de Folha de Finfo Doce, uma erva cheirosa que perfumava toda o sítio. Quando as narinas eram tomadas por aquele cheiro, tudo parecia que fazia sentido, tudo era calmo e iluminado. Mas aqui também não é o início dessa história.

Essa história começa no estranho dia em que os pais de Clodoveldo foram embora, partiram para um lugar que ele não poderia ir junto. Ele já era homem-feito e teve que começar a cuidar do sítio sozinho. Estar só faz percebermos como as tarefas diárias são difíceis, quase insuportáveis de serem realizadas. Por mais que ele plantasse como o pai lhe havia ensinado, cuidasse da terra como a mãe lhe mostrara e colhesse com a paciência que havia desenvolvido, não conseguia achar ninguém que quisesse comprar a colheita que ele oferecia. E o pior, para realizar seu sonho de andar o mundo em busca de novos aromas e cores e conhecer lugares e pessoas novas, precisava vender os frutos que plantava. Mas necas de pitibiriba.

Já não se interessavam pelas uvas de sua parreira, pois diziam que as uvas do seu Zózimo, sítio vizinho ao dele, eram maiores, mais bonitas e em maior quantidade. Já não queriam mais seus tomates, pois falavam que os da Dona Quitéria, sítio atrás do dele, eram mais vermelhos, saborosos e em maior quantidade. E quanto suas laranjas? Ninguém dava bola, pois insistiam que as do Fernandinho, sítio bem ali pertinho, eram muito mais doces e em maior quantidade.

Um dia ele não aguentou: “Como assim???”

Então ele espiou por entre as cercas dos sítios vizinhos e o que ele viu foram máquinas enormes, cheias de engrenagens, cuidando de todo o trabalho. Coisa que só duas dúzias de homens conseguiriam resolver. E os insetos e pragas que ele tinha nas plantas dele nem chegavam perto da plantação de seus vizinhos, pois estavam protegidos por substâncias mágicas que afastavam os insetos.

Ele tomou uma decisão, cuidaria de sua terra com ajuda desses enormes seres de ferro e óleo diesel. Juntou as economias que os pais haviam deixado para ele, pediu empréstimo

para os homens poderosos da região, assinou um monte de papéis e, depois de alguns dias, comprou máquinas que plantavam, cuidavam e colhiam tudo o que ele não conseguia.

As coisas começaram a mudar, tudo foi dando certo e as frutas eram colhidas com mais velocidade, eram maiores, mais coloridas e em maior quantidade. Ah! E nenhum gafanhoto conseguia deixar suas marcas de mordida, pois os vegetais estavam protegidos.

Clodoveldo estava radiante, as pessoas da cidade queriam seus tomates, uvas e laranjas. Sem contar que ele começou a ter um dinheiro que há muito tempo não tinha. Talvez até conseguisse fazer a viagem de seus sonhos! E por isso foi até um restaurante chique comemorar o que tinha ganhado.

Pediu um cálice de sua bebida favorita. Era lá meio cara, então foi só um calicezito. Como não tinha tempo para ter muitos amigos, brindou sozinho. Lembrou dos pais e, antes de dar um gole em sua bebida preferida, olhou para o lado e viu uma mesa cheia de pessoas felizes, com garrafas maiores, mais coloridas e em maior quantidade do que a bebida dele. Clodoveldo ficou curioso, como aqueles homens e mulheres tinham tanto dinheiro para ter garrafas e mais garrafas de bebidas coloridas daquele chique restaurante? Escutou a conversa da mesa e descobriu que aquela gente fazia produtos com frutas. Geleias, sucos e molhos de macarrão.

“Opa, espera aí!”

Uma ideia pintou na cabeça de Clodoveldo: e se ele usasse sua colheita para fazer exatamente isso? Produtos! Afinal, as frutas ele já tinha.

Dito e feito, ele plantou mais, trabalhou mais, produziu mais, falou com os homens poderosos da região, assinou papéis e em pouco tempo montou sua fábrica de sucos, geleias e maravilhas. Boa parte de sua colheita era transformada em saborosos sucos e geleias de tomate, laranja e uva que eram feitos em fábricas de concreto e chaminés, bem ao lado de seu sítio. Suas próprias fábricas, seu próprio espaço de criar produtos.

O povo da cidade gostou das geleias e sucos de Clodoveldo Novo. Eram mesmo uma maravilha! Ah, ele estava ainda mais radiante, brilhava de satisfação. Agora ele faria a viagem de seus sonhos, conheceria aromas novos pelo mundo. Conseguiria brindar com uma grande garrafa colorida de sua bebida preferida. Foi até o granfino restaurante, lembrou dos pais, pensou na viagem que poderia fazer e, antes de fazer o brinde... Olhou para o lado e viu uma mesa cheia de senhoras e senhores que riam e comiam um farto banquete. E além disso, eles falavam em idiomas estranhos, parecia que vinham de lugares diferentes.

“Hum, é isso! Preciso aprender idiomas.”

Clodoveldo sonhava em viajar, certo? Merecia descansar, trabalhava duro há muito tempo. Mas não queria viajar para qualquer lugar, queria ir para um país diferente,

aprender coisas novas. Então tinha que aprender uma língua nova, e mais, queria viajar com conforto, alugar hotéis, comprar passagens. Isso custa uma nota, uma não, muitas notas. Então Clodoveldo, antes de arrumar as coisas para as férias, disse que trabalharia só por mais algumas semanas, para então ter bastante dinheiro para viajar.

Aumentou suas fábricas, comprou engrenagens maiores para suas máquinas, e mais alguns litros de óleo diesel. Quase não se reconhecia o sítio em que ele nasceu. Produzia mais e mais frutas, sucos e geleias. Junto com isso muita fumaça que deitava um mar de lágrimas em seus olhos, cheiros estranhos dos líquidos que espantava os gafanhotos das plantas invadiam suas narinas e muito barulho de metal batendo em seus ouvidos.

Clodoveldo estava cansado, mas estava conseguindo o que queria. Tum, tum, tum.... Plim, Plim, Plim....Bruuuuu.... As máquinas rangiam, Clodoveldo vendia, Tum Tum, Plim, Plim, Bruuuu... cansado, mas cheio de dinheiro para viagem.

Depois de muito trabalhar, conseguiu juntar dinheiro para viajar, estudar idiomas e descobrir coisas pelo mundo. Foi até o sofisticado restaurante. Pediu sua bebida colorida preferida, lembrou dos pais e Páf!

Sentiu uma dor no peito. Tudo rodava. Tudo doía.

Caiu no chão e as pessoas ao redor quase nem perceberam que ele passava mal. Tudo rodava. Tudo doía.

Foi um garçom que notou Clodoveldo estendido no chão. Rodava e doía. Um homem então gritou “Posso ajudar, eu sou médico”. Rodava e doía. Ele examinou Clodoveldo caído e falou “Puxa, ele está com um problema chamado Isbrônia Catatúnica, a única maneira de resolver isso é com um chá de um arbusto especial, um arbusto muito raro de encontrar.”

Murmurando Clodoveldo disse: “Qual?”

“O arbusto da Folha de ... Finfo Doce”

Clodoveldo não acreditou, era o arbusto que havia plantado com o pai quando pequeno.

Saiu dali, tropicando e zozzo. Rodava. Foi até sua casa, seu sítio. Doía. Quando chegou lá, não sabia mais onde havia plantado, o sítio estava tão diferente. Todo cheio de engrenagens e óleo diesel, fábricas e fumaça. Estava tonto, quase caindo de novo. Tudo rodava. A dor em seu peito aumentava. Tudo doía. Ajoelhou-se no chão e, antes de desmaiar, viu o arbusto. Esticou os braços. De joelhos no chão. Alcançou umas folhas e, mesmo sem fazer o chá, enfiou aquela planta na boca e fechou os olhos.

Era doce e silencioso.

Ninguém mais viu seus sucos e geleias sendo vendidos. Ninguém nem sequer viu Clodoveldo pelo restaurante chique.

Alguns dizem que passaram perto do sítio e que já não há máquinas e fábricas, que o sítio voltou a ser simples e bem arrumadinho, como se alguém cuidasse com calma. Mas nunca viram ninguém por lá. Na verdade o povo da cidade não vê Clodoveldo há um bom tempo.

Um homem disse que encontrou Clodoveldo rapidamente, ou ao menos ele acha que era ele, pois estava diferente, todo barbudo e com uma mochila nas costas. Disse que caminhava para conhecer coisas pelo mundo, novos aromas e sabores, mas que não estudou idiomas e nem viajava com conforto. Disse que sorria, o cumprimentou com um aceno e foi embora tomando uma garrafa de chá da folha de Finfo Doce.

Mas, antes de ir disse que sempre volta pro sítio, pois ali tem coisas relevantes de serem cultivadas... Suas raízes!

QUIRA, A CORUJINHA DA SORTE

Maristela Benites

Era um dia comum na Escola Lampejos e a chegada do novo aluno Pedro Henrique parecia não alterar a rotina da turma do 6º ano, exceto no que se referia à hora do recreio.

No histórico da escola constava um intensivo trabalho de sensibilização dos alunos para o convívio harmônico com os seres vivos ocorrentes que, muito antes da existência da escola, provavelmente já habitavam aquele local.

De modo geral, a hora do recreio costuma ser um dos momentos mais esperados por todos os alunos da escola. É quando se encontram para papear, lanchar, criar e fortalecer amizades. Hora também de ficarem atentos, porque brincadeira é coisa séria e ajuda no aprendizado.

Professora Lila, com cinco anos para se aposentar, sabia que podia contar com a colaboração de seus alunos para ajudar na acolhida e no entrosamento de Pedro Henrique à nova turma de convívio. Embora séria no semblante, era muito sensível e sabia conduzir as aulas com alegria e troca de saberes. Representava o prazer em aprender.

Alguns hábitos estimulados pela escola já haviam sido incorporados pelos alunos, graças ao esforço de uma equipe composta de várias pessoas da comunidade escolar: professores, coordenador pedagógico, diretora, zeladores, inspetora e estudantes, todos empenhados no objetivo comum: cuidar e zelar pela paz, respeito e bom convívio entre todos na escola e na comunidade. Era uma escola que ultrapassava seus muros.

O Grupo Guarayanus monitorava a dinâmica da escola para que a harmonia fosse presente e crescente todos os dias, mas vivendo os desafios de cada dia e um por vez. Assim, receber novos alunos era também missão para o incrível grupo.

Há algum tempo a escola ficava praticamente na área rural, mas com o crescimento da cidade agora já estava quase totalmente integrada ao espaço urbano. O que restara dessa época foi uma área de Cerrado que faz limite com o fundo da escola e hoje se encontra isolada em meio a casas e edificações humanas.

De longe, Quira parecia acompanhar a rotina escolar, principalmente dos alunos que utilizam a quadra da escola e o campinho de futebol. Sempre está acompanhada de outros indivíduos, por vezes filhotes, que variavam de um a quatro pompons que, aos poucos, se salpicavam de tons amarronzados nas penas até adquirirem a plumagem típica de adulto. Mas a paz nem sempre fora como hoje para a família de Quira.

Cada ano letivo que iniciava, retomava também a luta pela paz e integridade de Quira e sua família. Isto porque os alunos, principalmente os que nunca experimentaram o convívio com a natureza, costumavam apedrejar Quira na hora do recreio.

Me lembro de uma ocasião em que um dos filhotes ao treinar seus primeiros voos acabou fazendo um pouso forçado bem no canto do campinho e por lá permaneceu provavelmente para recuperar a força e tentar novo voo. Não teve sorte. Começou o jogo e um dos meninos foi até o lugar onde estava o filhote, viu a pequena coruja-buraqueira e não teve dúvida: uma bicuda de direita a arremessou vários metros dali. Acho que o menino não estava bem e não sabia apreciar a natureza... Alguns colegas se chocaram com a atitude dele, mas outros o aplaudiam com risadas e assovios, numa espécie de contentamento estúpido de quem sente prazer mesmo sem entender o significado e o motivo da alegria, só para continuar aceito no grupo. Se ele o fez, também vou fazer, se ela riu também vou gargalhar. Estariam competindo por maiores estupidezes?

Professora Lila vendo a roda que se formara no campinho e o atraso dos alunos para retornar às aulas após o recreio foi averiguar o que sucedia por lá. Mario narrou tudo o que aconteceu à professora. Em seguida ela foi conversar com Arthur, autor do chute.

- Arthur, explicações por favor!

- Ah, professora de onde eu vim diziam que corujas trazem azar, principalmente se fixarem os olhos na gente. Então, quando vi aquele filhote me lembrei das histórias que sempre ouvi e achei que tirando a coruja de lá, outros colegas deixariam de ter azar por estarem na mira dela.

Professora Lila, que teve uma infância repleta de cheiros, sabores naturais e rodeada de árvores, a quem considerava amigas e chamava cada uma pelo nome, contou a Arthur que o que aprendera era exatamente o contrário. Aprendeu com sua mãe, nascida na fronteira do Brasil com o Paraguai, que as corujas eram seres especiais que traziam muita sorte. Só o fato de crescer rodeado por aves, dentre elas, as corujas, já significava felicidade sem medida. Contou que sua mãe sempre falava sobre a corujinha cabureí que quando ela cantasse por perto, no quintal, era preciso abrir todas as janelas e portas para sinalizar que ela era bem-vinda em casa.

Lila sonhava com o dia em que seria presenteada pela surpreendente visita da cabureí. Ah! E tinha as histórias do corujão nhacurutu e da corujinha-do-mato. Esta vira-e-mexe cantava no cajueiro do quintal. Quando corujinha-do-mato, conhecida por ela como chacuru, cantava, à

imitação do nome, era sinal de mudança do tempo. Isto quer dizer que anunciava chuva. Talvez daí vinha a fama de sabedoria das corujas, pensava Lila. Corujas, como são sábias!

Certa noite, e sem esperar, caburéi subitamente adentrou a casa de Lila que já estava se preparando para dormir. Logo, a dona Matilde gritou:

- Lila, venha ver a caburéi que entrou em casa e chame sua irmã!

- Caburéi? Tem certeza, mãe? Perguntou Lila.

Num estalar de dedos o sono desapareceu dando lugar à euforia e o desejo, finalmente, se tornara realidade. Não podia acreditar na presença de caburéi em sua casa. Olhava para a corujinha com olhos de descoberta.

Dona Matilde, mãe de Lila, contava que caburéi era toda colorida e tinha olhos bem grandes. Todos da casa se aproximaram de caburéi que pousou assustada no fio da lâmpada pendurada na sala. Instantes depois caburéi voltou para o quintal aproveitando que portas e janelas estavam abertas. O encantamento tomou conta de Lila que mal conseguiu dormir naquela noite após ter sido visitada por caburéi. Para ela, caburéi não era tão colorida assim, mas as histórias da mãe encheram de encanto e magia aquele encontro. A plumagem da corujinha era especial, com várias tonalidades e quando virava a cabeça pareciam ter dois pares de olhos de cores e tamanhos diferentes. Olhos mágicos!

No outro dia e nos próximos não havia outro assunto em casa que não fosse a adorável presença da caburéi. Lila confessou em segredo sua vontade de prendê-la. Afinal, se a prendesse a sorte estaria para sempre ao seu lado. Mas sua mãe, sábia como sempre, a chamou para pensar:

- Por que prender alguém que pode te trazer felicidade? Como presentear alguém se for mal recebido e ainda se tornar prisioneira dele ou dela? Liberdade é sinônimo de alegria. Poder decidir seus atos e fazer suas escolhas não são possíveis quando se está preso. Lila refletiu um pouco e acrescentou:

- É, além disso, terei mais responsabilidade, pois terei alguém dependente de mim sem necessidade. Ela será eternamente triste. É mãe, a espera por uma nova visita de caburéi será sempre mais emocionante.

A mãe de Lila estava certa: oferecer felicidade a atrai de volta. Então, tudo o que Lila queria era ver caburéi livre, mas que pudesse voltar um dia, embora na imaginação isso acontecesse todas as noites depois de ter sido visitada pela corujinha. Era inevitável a lembrança da linda e graciosa caburéi. Ah! Como aquela cena permanecera congelada em sua memória!

Que sorte maior se podia esperar? No outro dia perguntou a seus colegas na escola se alguma vez tinham recebido visita de caburéi. Todos responderam que não. Naquele momento entendera o que significava sorte.

Arthur ouvia atentamente a professora Lila e perguntou:

- Então, a coruja do campinho poderia ser a caburéi?

Professora Lila disse que não era, mas como todas as corujas, a coruja-buraqueira também representava sabedoria e sorte. Carinhosamente, Lila lhe deu o nome de Quira.

Arthur ficou muito preocupado pois em casa, há muitos dias, o pai estava doente. Agora temia voltar para lá e receber más notícias depois de ter chutado uma coruja. Decidiu que dali em diante lutaria pela proteção das corujas. Mas enquanto conversava com a professora pousou perto dos seus pés o gafanhoto “esperança”, como é conhecido. Tinha forma e cor de folha. Sem pensar, e de forma quase automática, esfregou o calçado em cima dele.

- Ah! Gafanhoto não tem problema matar, não é professora?

- Ué Arthur, você disse querer proteger as corujas. Mas elas vão viver do quê? Se alimentar do quê?

- Não vai me dizer que corujas comem gafanhotos? Indagou Arthur à professora.

- Naturalmente que sim, além de pequenos mamíferos e outros pequenos animais, muitas corujas se alimentam de insetos. Para algumas espécies de corujas, como a coruja-buraqueira, insetos são os mais abundantes na sua alimentação.

- Seria por isso não sermos atacados por verdadeiros exércitos de insetos? Perguntou Arthur?

- Sim. Quando os animais se alimentam de insetos contribuem muito nesse controle, é a teia da vida, Arthur. Tudo está interligado e o nosso bem-estar depende do equilíbrio dessas relações, depende de como estamos cuidando da natureza e do nosso planeta. Quando falta zelo e carinho pela natureza falta saúde a todos, inclusive a nós seres humanos.

Aquela tarde nunca mais fora esquecida por Arthur que deu a ideia de criar o grupo Guarayanus. Além disso, pensou que o nome da escola poderia mudar para Lampejos de Cerrado.

Professora Lila “perdeu” uma tarde de sua aula, mas ganhou um aliado à conservação da natureza, da vida. E essa transformação já representava mudar o mundo!

Arthur foi pra casa pensativo e lá chegando a primeira coisa que fez foi ver seu pai acamado. Afinal, ele havia matado a esperança.

O pai estava dormindo e Arthur não se conteve de medo e chamou por ele.

- Pai, acorde!

- Oi meu filho, dormi pensando em você, em como tinha sido sua tarde hoje. E tive um sonho que era para não perdermos a esperança. Mas me conta, o que aprendeu hoje? Quer me contar?

- Ah! Pai nem te conto, foram muitas histórias e a aula da tarde foi especial! Se o senhor prometer que vai sarar logo eu te conto tudo!

Assim, os alunos do Grupo Guarayanus já sabiam como dar boas-vindas a Pedro Henrique a fim de agregar o amigo recém-matriculado na escola, agora Escola Lampejos do Cerrado!

O ESPELHO

Elis Regina da Silva Gonçalves

Afilayá, era uma menina linda, negra, olhar atento, gostava de brincar na cachoeira, ouvir o barulho das águas caírem. Era capaz de ficar horas e horas. Quando Afilayá sumia, todos já sabiam aonde encontrá-la. E ela não ia só, sempre convidava suas amigas para brincar, passavam muito tempo brincando perto da cachoeira. Afilaya amava brincar e contar histórias, de todas as que conhecia tinha uma que era sua predileta. Chamava-se “O Espelho”.

Era uma vez uma menina que se chamava Ayde, vivia pelos cantos, morava em um lugar cheio de prédios e muros, uma verdadeira selva de pedras. Ela quase não saia para brincar, tinha poucos amigos na escola, estava sempre pelos cantos, ninguém a chamava para brincar. Até que em um dia de muito sol, ela estava com sede, ao pegar um copo d’água e ao olhar para o copo ficou impressionada. Viu a água transparente e linda, fechou os olhos e fez um pedido. Pediu para a Rainha das Águas, que pudesse morar em um lugar onde houvessem crianças para brincar com ela. Porém, não era brincar como estava acostumada, mas de uma forma livre, de pega-pega, pique-esconde, amarelinha, brincadeira de criança. Ela queria ser uma criança feliz, apenas isso.

Ayde pediu com tanta fé, que ao chegar em casa, sua Mãe tem uma notícia! Iam mudar de cidade, pois seu pai havia conseguido um emprego muito melhor e na próxima semana teriam que estar lá.

Ayde logo pensou: ”será que lá tem muitas crianças? E se tiver, será que elas vão gostar de mim?” Ayde se sentia muito sozinha e achava que as outras crianças não gostavam dela por causa da cor da sua pele. Mas era uma menina linda, cabelos crespos, olhos pretos, lábios carnudos, pele negra. Porém, ela não se achava assim.

Ao chegar na casa nova, Ayde viu várias crianças brincando na rua. Toda tímida ficou parada no portão olhando, até que de repente uma menina vem correndo em sua direção e diz:

- Oi, tudo bem? Me chamo Zaurini e você? Vamos brincar?

- Eu? – Respondeu Ayde assustada.

- Sim, você. Vamos logo! – Disse Zaurini.

Ayde saiu correndo, toda feliz. Brincou a tarde toda, como nunca havia brincado na vida. No outro dia Zaurini, foi cedo até a sua casa e a convidou para tomar banho de cachoeira. Ayde ficou tão feliz, mas precisava da autorização de sua Mãe. A Mãe vendo o brilho nos olhos da filha, mesmo preocupada deixou a menina ir.

Quando chegaram a cachoeira e Ayde viu aquelas águas cristalinas, ficou muito emocionada e em silêncio, colocou as mãos na água e para sua surpresa encontrou um espelho. Ao olhar seu reflexo, sorriu. Pela primeira vez em sua vida, se viu Bonita. Sua pele negra,

cabelo crespo, lábios, nariz, tudo era lindo. Ela banhou-se várias vezes, não queria mais sair da cachoeira, porém ao ir embora ela deixou o espelho. Zaurini logo perguntou:

- Você vai deixar o espelho? O espelho é seu, você achou.

Ayde responde:

- Não, vou deixa-lo aqui. Outras pessoas também merecem ver a sua verdadeira beleza refletida neste espelho.

Ayde pegou o espelho e devolveu as águas, levantou-se e foi embora com Zaurini.

Afilayá contava e recontava essa história para as suas amigas, brincava em volta da cachoeira e dizia:

- A beleza está dentro de cada um de nós e não como as pessoas acham.

E assim cresceram, lindas, felizes e sabendo qual era a verdadeira beleza.